



## Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

### Diário da Sessão

**IX Legislatura**

**Número: 25**

**I Sessão Legislativa**

**Horta, Quinta-Feira, 14 de Maio de 2009**

**Presidente:** *Deputado Francisco Coelho*

**Secretários:** *Deputados José Ávila e Cláudio Lopes*

### Sumário

*(Eram 10 horas e 15 minutos)*

#### **Período de Informação Parlamentar:**

##### **Correspondência:**

Após a leitura da correspondência, a Sra. Deputada Zuraida Soares (*BE*) fez uma Declaração Política, no debate da qual usaram da palavra Srs. Deputados Paulo Estêvão (*PPM*), Helder Silva (*PS*) e o Sr. Secretário Regional da Presidência (*André Bradford*).

No período destinado a Intervenções de Interesse Relevante para a Região, proferiram Intervenções os Srs. Deputados Luís Garcia (*PSD*), Piedade Lalande (*PS*) e João Costa (*PSD*), tendo ainda usado da palavra os Srs. Deputados Helder Silva (*PS*), Jorge Costa Pereira (*PSD*), António Marinho (*PSD*), Manuel Avelar (*PS*), Paulo Estêvão (*PPM*) e os Srs. Secretários Regionais do Ambiente e do Mar (*Álamo Meneses*) e da Presidência (*André Bradford*).

Por fim, entrou-se na Agenda da Reunião.

### **Agenda da Reunião**

1. Continuação da discussão do **Projecto de Decreto Legislativo Regional – “Adaptação à Região da Lei N.º 92/95, de 12 de Setembro, alterada pela Lei n.º 19/2002, de 31 de Julho”**;

– No debate do Projecto usou da palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão (*PPM*);

– Sobre este Projecto, o Bloco de Esquerda apresentou um Requerimento relativo à baixa do diploma à comissão, o qual foi rejeitado por maioria;

– Foi ainda apresentado por um grupo de deputados um Requerimento no sentido de que a votação do diploma seja feita pela forma nominal, o qual foi aprovado por unanimidade;

– O Projecto de Decreto Legislativo Regional foi rejeitado por maioria.

2. **Pedido de Urgência e dispensa de exame em Comissão do Projecto de Resolução – “Atribuição de Insígnias Honoríficas Açorianas”**, apresentado pelos Líderes Parlamentares;

– O Pedido de Urgência foi aprovado por unanimidade.

3. **Projecto de Resolução – “Atribuição de Insígnias Honoríficas Açorianas”**, da autoria do Presidente da ALRAA e dos Líderes Parlamentares;

– O Projecto de Resolução foi aprovado por unanimidade.

4. **Projecto de Resolução – “Resolve recomendar ao Governo Regional dos Açores que promova as iniciativas de sua competência para que se efective a extensão do anel de fibra óptica às Ilhas do Grupo Ocidental”**, apresentado pelo Sr. Deputado Paulo Rosa, do Grupo Parlamentar do CDS/ PP;

– No debate do Projecto usaram da palavra os Srs. Deputados António Gonçalves (*PSD*), Manuel Herberto Rosa (*PS*), Aníbal Pires (*PCP*), Paulo Estêvão (*PPM*) e o Sr. Secretário Regional da Ciência, Tecnologia e Equipamentos (*José Contente*);

– O Projecto foi aprovado por unanimidade.

5. **Projecto de Resolução – “Encarrega a Comissão Especializada Permanente de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho de proceder à avaliação actualizada dos condicionalismos que levaram à classificação da Ponta da Fajã**

**Grande, na Ilha das Flores, como Zona de Alto Risco**”, apresentado pelo Sr. Deputado António Gonçalves, do Grupo Parlamentar do PSD;

– No debate do Projecto usaram da palavra os Srs. Deputados Manuel Herberto Rosa (*PS*), Paulo Rosa (*CDS/PP*), Aníbal Pires (*PCP*), Clélio Meneses (*PSD*) e o Sr. Secretário Regional da Ciência, Tecnologia e Equipamentos (*José Contente*);

– O Projecto foi aprovado, com a abstenção dos Deputados dos Grupos Parlamentares do Partido Socialista e do CDS/PP e com os votos favoráveis dos restantes Grupos e Representações Parlamentares.

**6. Petição – “Construção de um novo complexo escolar para a EBS/Povoação”**, dos proponentes António Manuel Vieira Resendes, Carla Maria de Sousa Moreira e Pimentel, Rúben Manuel Bettencourt (Comissão Para Uma Nova Escola), apresentada pela Sra. Deputada Nélia Amaral (*PS*);

– No debate da Petição usaram da palavra os Srs. Deputados Paulo Rosa (*CDS/PP*), Cláudia Cardoso (*PS*), Zuraida Soares (*BE*), José Manuel Bolieiro (*PSD*) e Paulo Estêvão (*PPM*);

**7. Pedido de autorização para depoimento na qualidade de testemunha, do Sr. Deputado Clélio Ribeiro Parreira Toste Meneses, no Processo Oposição à Execução Comum n.º 364/06.2TBVPV-A;**

– O Pedido foi aprovado por unanimidade.

**8. Proposta de Deliberação que “Declara findo o período legislativo de Maio”**, apresentada pelo Sr. Presidente da ALRAA;

– A Proposta foi aprovada por unanimidade;

– Apresentou uma Declaração de Voto o Sr. Deputado Paulo Estêvão (*PPM*).

*(Os trabalhos terminaram às 17 horas e 30 minutos)*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, muito bom dia, vamos iniciar os nossos trabalhos.

Agradecia que ocupassem os vossos lugares para procedermos à chamada dos Srs. Deputados.

*(Eram 10 horas e 15 minutos)*

*Procedeu-se à chamada à qual responderam os seguintes Deputados:*

***Partido Socialista (PS)***

**Alexandre Rui Carvalho Pascoal Albuquerque Silva**

**Alzira Maria de Serpa e Silva**

**António Gonçalves Toste Parreira**

**Bárbara Pereira Torres de Medeiros Chaves**

**Berto José Branco Messias**

**Carlos Alberto Medeiros Mendonça**

**Catarina Paula Moniz Furtado**

**Cláudia Alexandra Coelho Cardoso Meneses da Costa**

**Domingos Manuel Cristiano Oliveira Cunha**

**Duarte Manuel Braga Moreira**

**Francisco Miguel Vital Gomes do Vale César**

**Francisco Manuel Coelho Lopes Cabral**

**Helder Guerreiro Marques da Silva**

**Hernâni Hélio Jorge**

**Isabel Maria Duarte de Almeida Rodrigues**

**José Manuel Gregório de Ávila**

**José Gaspar Rosa de Lima**

**José de Sousa Rego**

**José Carlos Gomes San-Bento de Sousa**

**Lizuarte Manuel Machado**

**Luís Paulo de Serpa Alves**

**Manuel Avelar Cunha Santos**

**Manuel Herberto Santos da Rosa**

**Manuel Soares da Silveira**

**Maria da Graça Lopes Teixeira**

Maria da **Piedade** Lima **Lalanda** Gonçalves Mano

**Nélia** Maria Pacheco **Amaral**

**Ricardo** Manuel Viveiros **Cabral**  
**Rogério** Paulo Lopes Soares **Veiros**

***Partido Social Democrata (PSD)***

**António** Maria Silva **Gonçalves**  
**António** Pedro Rebelo **Costa**  
**António** Lima Cardoso **Ventura**  
**Carla** Patricia Carvalho **Bretão** Martins  
**Cláudio** José Gomes **Lopes**  
**Clélio** Ribeiro Parreira Toste **Meneses**  
**Jaime** António Silveira **Jorge**  
**Jorge** Alberto da **Costa** **Pereira**  
**Luís** Carlos Correia **Garcia**  
**Mark** Silveira **Marques**  
**Pedro** António de Bettencourt **Gomes**  
**Rui** Manuel Maciel Costa de Oliveira **Ramos**

***Partido Popular (CDS/PP)***

**Abel** Jorge Igrejas **Moreira**  
**Artur** Manuel Leal de **Lima**  
**Luís** Virgílio de Sousa da **Silveira**  
**Paulo** Jorge Santiago Gomes da **Rosa**  
**Pedro** Miguel **Medina** Rodrigo Raposo

***Bloco de Esquerda (BE)***

**José** Manuel Veiga Ribeiro **Cascalho**  
**Zuraida** Maria de Almeida **Soares**

***Coligação Democrática Unitária (PCP-PEV)***

**Aníbal** da Conceição **Pires**

***Partido Popular Monárquico (PPM):***

**Paulo Jorge Abraços Estêvão**

**Presidente:** Estão presentes 49 Sras. e Srs. Deputados, temos quórum, declaro aberta a Sessão. Pode entrar o público.

Vamos proceder à leitura da correspondência.

**Secretário (José Ávila):** Deu entrada uma Petição, “SOS Porto Formoso”, cujo primeiro subscritor é o Sr. Filipe Tavares. Baixou à Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho.

**Secretário (Cláudio Lopes):** Deu entrada também, nos serviços da Assembleia, uma Opinião da Azorica, subscrita pelo Sr. Faria de Castro, com o título “Toiros Picados ou Pessoas Picadas”. Baixou à Comissão de Assuntos Sociais.

**Secretário (José Ávila):** Da Comissão de Assuntos Sociais, Parecer sobre o Projecto de Decreto-Lei que “Procede à segunda alteração ao Decreto-Lei n.º 232/2005, de 29 de Dezembro, que institui o Complemento Solidário para os Idosos no âmbito do Subsistema de Solidariedade e à terceira alteração ao Decreto Regulamentar n.º 3/2006, de 6 de Fevereiro”.

**Presidente:** Está lida a correspondência.

Não foram entregues Votos na Mesa.

Aproveito também para esclarecer a câmara que, de acordo com o combinado em Conferência de Líderes, o nosso PTAP de hoje irá apenas até às 12 horas.

Face ao exposto, dou a palavra, para uma declaração política, à Sra. Deputada Zuraida Soares.

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Sr. Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Faltam cerca de três semanas para as Eleições ao Parlamento Europeu.

Todos os estudos de opinião apontam para uma abstenção recorde, quer no que a Portugal diz respeito, quer quanto à generalidade dos países pertencentes à União Europeia.

Este alheamento, por parte dos povos que compõem a União, torna-se, agora (em vésperas de eleições), um problema político para os directórios dos Partidos e Governos europeus, que têm conduzido esta Europa. Uns e outros desdobram-se em iniciativas de promoção, para evitarem a falta de caução que os povos europeus dão às suas políticas.

Por mais estudos e pseudo estudos que se façam, o alheamento do povo em relação à política, está na razão proporcional das promessas não cumpridas, da constante fraude que representam os programas apresentados pelos Partidos do chamado arco do poder e respectivas práticas políticas, uma vez chegados ao poder efectivo.

Esta é a verdadeira razão da crise da política e da crise da participação popular, de que o nosso país é exemplo fértil.

Hoje, a União Europeia apresenta-se aos povos que dela fazem parte como uma necessidade ou, até mesmo, uma inevitabilidade, mas também (e cada vez mais), como uma construção distante, na qual as pessoas são o último factor a ter em conta.

Estamos a atravessar – como o indicam todos os economistas – a maior crise do capitalismo à escala global. No mundo, mas particularmente na Europa, a dimensão da angústia provocada pelo desemprego e pela incerteza afectam milhões e milhões de lares, por este velho continente fora. Quando precisávamos de uma resposta à escala europeia, mobilizando recursos para fazer frente à crise e minorar o pesadelo em que se transformaram tantas vidas, a resposta da União foi zero.

Em nome do Plano de Estabilidade e Crescimento, o Conselho Europeu (sob as orientações do BCE), não autoriza a alteração do deficit do Orçamento Europeu e, em paralelo, não assume uma norma para que os Estados se financiem, no mercado internacional, ao mesmo juro.

O dinheiro para Portugal será sempre mais caro do que, por exemplo, para a Alemanha.

É esta a triste Europa que se diz comum. O combate à crise é, afinal, a soma daquilo que cada país pode fazer por si, assim perpetuando, por um lado, a desigualdade entre as pessoas dos diversos países e, por outro, o custo dos recursos angariados por cada país para o combate à crise. Às desigualdades somam-se mais desigualdades.

Quando mais se precisa da Europa, mais ela se fragmenta, em nome do negócio de capitais e da estabilidade do Euro. Por isso, perguntamos: – que é feito do discurso “As pessoas primeiro”? A realidade é que não passa de um embuste.

Enquanto, nos Estados Unidos, o orçamento federal assume a perspectiva de um deficit orçamental, na ordem dos dez por cento (para obter recursos no combate à crise), na Europa zero.

Mais uma vez, a Europa vira as costas às pessoas.

A verdade é que toda a construção europeia tem sido feita nas costas das pessoas e sempre voltada para o mercado de capitais.

O pacto secreto para evitar que os povos se pronunciassem sobre o Tratado de Lisboa – cuja denominação, aliás, deveria ser a “Vergonha de Lisboa” –, é até hoje a obra-prima deste embuste político.

O Tratado de Lisboa – que não é mais nem menos do que a Constituição Europeia, anteriormente chumbada, sem a Bandeira e sem o Hino (como afirmou Giscard d’Estaing), apresenta, como linhas mestras:

- O neoliberalismo na economia, com a destruição do Estado, em particular, a destruição dos serviços públicos;
- O Directório dos grandes países, com a destruição da subsidiariedade e a aceitação de uma Europa a várias velocidades;
- O reforço do militarismo, com a obrigatoriedade de todos os Estados aumentarem, de forma continuada, as suas despesas militares.

Foi este Tratado que os dirigentes europeus esconderam dos povos, para o imporem sem consulta popular.

Foi nesta vergonha que o Partido Socialista e o Partido Social Democrata, em Portugal, enveredaram, ao deitar para o lixo as promessas eleitorais e impedindo o referendo.

Estas atitudes, só por si, são bem emblemáticas da mentira em política e mais um motivo para afastar as populações das grandes decisões.

Estas práticas fazem, de facto, toda a diferença, em relação às propostas do Bloco de Esquerda que, pelo contrário, propõe:

- A eleição de uma Assembleia Constituinte, ao nível da Europa;



e

– A consignação, nessa Constituição, de duas Câmaras: uma de representação directa dos cidadãos e das cidadãs, outra de representação dos Estados.

Infelizmente, o caminho seguido foi o do interesse da Europa dos capitais, à mistura com mentiras, truques e trapaças para os povos.

E a trapalhada permanece.

As políticas impostas pelo BCE e pela Comissão Europeia – apoiadas por todos os Países da Europa dirigidos por Partidos Socialistas e do Partido Popular Europeu na sua maioria, estão na origem da crise na Europa e foram a antecâmara desta crise mais global.

Temos, pois, crise sobre crise, provocada pelas políticas que estão plasmadas no chamado Tratado de Lisboa.

É verdade que, hoje, ouvimos o Primeiro-Ministro José Sócrates fazer um ataque retórico às políticas neoliberais, na defesa das políticas públicas; pena é que, ao mesmo tempo, continue a fazer a defesa serôdia do famigerado Tratado.

Apetece perguntar: – Então, Senhor Primeiro-Ministro, em que é que ficamos? Há coerência, ou utiliza-se o que dá jeito a cada momento?

Cada vez mais socialistas se juntam, na exigência do enterro deste cadáver que é o Tratado de Lisboa. Lamentavelmente, tal não acontece nos Açores. Por cá, ouvimos a retórica do Presidente do Governo contra o neoliberalismo, mas ao mesmo tempo fomenta-se a privatização de serviços públicos essenciais à população, com o objectivo de financiar grupos económicos com dinheiros públicos.

Mas a cereja da hipocrisia atinge o requinte quando, por razões patéticas, o Partido Socialista apoia, para um novo mandato, o Dr. Durão Barroso.

O homem das políticas neoliberais que conduziram a Europa a este desastre; o mesmo que, entre outras coisas, manchou o nome dos Açores, ao fazer das Lajes o tiro de partida para uma guerra infame, mentirosa e desnecessária.

Afinal, estão unidos na política, perfilham os mesmos interesses de uma Europa dos capitais contra os povos.

Esta é a realidade.

Refundar a Europa, em termos democráticos, com a participação dos Povos; colocar no centro as políticas sociais e a defesa dos serviços públicos modernos e acessíveis; defender uma economia virada para o emprego; obter os recursos necessários pela taxaço das transacções de capitais das bolsas e pelo encerramento dos *offshores*; lutar contra a espoliação dos recursos dos países pobres e defender uma política de imigração integradora.

Estas são as bases de uma ruptura, nas políticas seguidas até aqui. As únicas capazes de criar esperança e mobilizar a cidadania, tão precisa ao projecto Europeu, digno desse nome.

É este o caminho que abraçaremos, com todas as forças de esquerda da Europa.

Disse.

**Deputado José San-Bento (PS):** Precisa de comer muitas papas “Maizena”.

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, estão abertas as inscrições. Neste momento tenho inscritos os Srs. Deputados Paulo Estêvão e Helder Silva.

Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

**(\*) Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente da Assembleia, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Uma apreciação muito breve da comunicação aqui feita pela Sra. Deputada Zuraida Soares, para lhe dizer que em parte concordo com a matéria e em parte discordo e que aprendi alguma coisa, também, sobre as posições do Bloco de Esquerda noutras áreas.

Em primeiro lugar, em relação à criação de um exército único europeu, evidentemente que o PPM, na medida em que esse é um instrumento de soberania essencial, tem uma total convergência em relação a essa posição.

Depois, quanto à alusão que aqui a Sra. Deputada fez em relação à promessa que foi realizada pelo Partido Socialista de referendar as matérias europeias e de realizar um referendo europeu sobre – de facto, outra concordância – um tratado, que é o Tratado de Lisboa que, do ponto de vista substancial, do ponto de vista da substância e de conteúdos, de facto não é mais do que a antiga Constituição, processo que na Europa depois foi abandonado, pelas razões que se sabem e que se conhecem.

A seguir, aquilo que me surpreendeu: a arquitectura política que a Sra. Deputada defende para a Europa. Fiquei bastante surpreendido quando referiu que gostaria que a Europa tivesse uma câmara de eleição directa e que tivesse também uma câmara de representação dos Estados. Ora, isso significa exactamente adoptar o sistema político americano, ou seja, teria uma Câmara dos Representantes e teria um Senado, onde cada Estado tem 2 senadores, por exemplo. Nesse sentido, obviamente que essa construção, essa arquitectura, do ponto de vista político, é uma arquitectura federal. Hoje fiquei a perceber que a Sra. Deputada, do ponto de vista político, do ponto de vista institucional, do ponto de vista daquilo que é a arquitectura política europeia, defende uma federação e é federalista. Aprendi hoje.

Sra. Deputada, do ponto de vista da arquitectura política que aqui veio transmitir, não lhe fazendo qualquer crítica em relação aos pontos anteriores, em relação a estes pontos é evidente que a arquitectura política que defende é uma arquitectura federalista. Foi isso que a Sra. Deputada veio aqui informar e que eu fiquei depois a perceber relativamente à posição do Bloco de Esquerda em relação ao federalismo europeu.

Muito obrigado.

**Presidente:** Sr. Deputado Helder Silva, tem a palavra.

**(\*) Deputado Helder Silva (PS):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Veio a Sra. Deputada Zuraida Soares falar-nos sobre o projecto europeu, sobre aquilo que são os seus objectivos no espaço europeu, as preocupações que tem o Bloco de Esquerda relativamente ao projecto europeu e eu queria fazer aqui algumas referências e algumas anotações, na sequência da intervenção da Sra. Deputada.

Primeiro, parece-me que existe algum mau entendimento ou, pelo menos, um entendimento diferente daquele que temos, Grupo Parlamentar do Partido Socialista, relativamente à situação do neoliberalismo.

Eu concordo – e concordamos todos – que no cerne desta crise estão políticas neoliberais. É preciso, no entanto, compreender que esta crise teve o seu início nos Estados Unidos, esteve muito centrada no imobiliário, estendeu-se à banca e estendeu-se também, por essa via, ao espaço da União Europeia. É verdade, é

absolutamente verdade. Também não deixa de ser verdade que alguns dos países que fazem parte do espaço europeu são países que têm implementado, ao longo dos anos, políticas neoliberais.

Mas há uma outra coisa que é preciso reconhecer. É que a Europa tem sido, e continua hoje a ser, o espaço que, a nível mundial, consegue uma conciliação mais equilibrada entre os poderes públicos e os poderes privados. Há um equilíbrio, que importa preservar, entre os interesses públicos e privados no espaço europeu.

**Deputada Zuraida Soares (BE):** E aumentar.

**O Orador:** Há um contra-senso na intervenção da Sra. Deputada Zuraida Soares. É o facto de procurar, como sempre procura o Bloco de Esquerda, atacar o projecto europeu por tudo e por nada.

A Sra. Deputada conseguiu, mais uma vez, falar aqui nas políticas, no neoliberalismo, na crise e virar tudo contra o projecto europeu, questionar, sempre questionar o projecto europeu. Tem de se ouvir, têm sempre de se ouvir mais os europeus e sempre na perspectiva de *deficit* de democracia. Mas qual *deficit* de democracia? Quando nós temos um tratado, o Tratado de Lisboa, que veio precisamente para reforçar a Europa, que a senhora diz que é frágil, que a senhora diz que não tem capacidade de resposta para esta crise e, no fundo, são partidos como o Bloco de Esquerda que têm uma enorme responsabilidade naquilo que são hoje algumas incapacidades, que subsistem no espaço da União Europeia, de poder responder a esta e a outras situações, situações económicas, situações financeiras, situações sociais e, por que não dizê-lo, também situações militares.

Se grande parte do problema que nós tivemos no Médio Oriente resultou do encontro que se efectuou aqui na Base das Lajes há 7 ou 8 anos, isso resultou precisamente, no nosso entender, daquilo que foi a incapacidade que a União Europeia teve e que mantém hoje em dia de intervir politicamente. Essa intervenção política faz-se, necessariamente, com uma capacidade de concertação também ao nível militar.

Nós defendemos que essa concertação, no espaço da União Europeia, deve ser alargada. E só pode ser alargada na medida em que seja aprovado e ratificado hoje o Tratado de Lisboa. Por isso nós defendemos o Tratado de Lisboa. Mas não podemos entender que partidos como o Bloco de Esquerda, que são contra o Tratado de

Lisboa, venham hoje, vieram ontem e venham amanhã queixar-se da incapacidade que a União Europeia tem de dar resposta aos problemas dos europeus, aos nossos problemas, ...

**Deputado Herberto Rosa (PS):** Muito bem!

**O Orador:** ...os problemas dos açorianos.

Muito obrigado.

**Vozes de deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Presidência.

**(\* Secretário Regional da Presidência (André Bradford):** Obrigado, Sr. Presidente. Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo Regional:

Vou ser muito breve nesta intervenção, sobretudo porque, como deve compreender, Sra. Deputada, o Governo Regional dos Açores não tenciona associar-se ou participar no início da campanha eleitoral do Bloco de Esquerda às eleições europeias. De qualquer forma, gostava de deixar duas ou três notas políticas sobre a sua intervenção.

Quem ouviu o princípio da sua intervenção – sobretudo o princípio, mas foi algo que pairou sobre todo o seu discurso –, ficou com a ideia e até é capaz de pensar que a Sra. Deputada não é deputada, não é política, que não faz campanhas eleitorais, que não foi eleita e que não prometeu, ao povo que a elegeu, determinadas acções e medidas.

A Sra. Deputada faz parte do processo político. A Sra. Deputada, tal como nós todos aqui, está sujeita ao veredicto das pessoas, tanto daquelas que a elegeram como ao das outras. Portanto, a Sra. Deputada é só mais uma ao nosso lado, neste processo de construção política dos Açores, da Europa e dos espaços onde a Região e o País participam.

Essa era a primeira nota que eu gostava de deixar, para que ficasse clara essa tendência que o Bloco de Esquerda tem de se colocar à margem do julgamento das pessoas e de imputar todas as responsabilidades políticas aos outros, aos partidos, sobretudo aos partidos maiores, àqueles que a senhora gosta de designar como “partidos do arco da governação”. Essa designação tem uma razão muito lógica e eu

já a refiro mais à frente, que é o facto de, realmente, ao longo da história desta Região e do nosso País, da democracia recente, esses serem os partidos que os portugueses escolheram para os governarem e, portanto, é com isso que a senhora tem de conviver, é com isso que o Bloco de Esquerda tem de conviver, fazendo parte deste sistema e não estando à margem.

Depois, há uma outra nota que eu gostava de deixar e que me surpreendeu enormemente.

A Sra. Deputada, para criticar e demonstrar o seu desagrado em relação ao rumo do modelo europeu de desenvolvimento, utilizou o exemplo dos Estados Unidos, o que é uma coisa fantástica. O Bloco de Esquerda usou o exemplo dos Estados Unidos como sendo a referência e a Europa como sendo o modelo...

**Deputada Zuraída Soares (BE):** Qual é o problema?

**O Orador:** Para mim é surpreendente. Eu não digo que seja um problema, estou só a anotar, se me permite, porque me parece algo digno de ser anotado e destacado, porque não é normal.

Não só me surpreende como motiva a minha discordância, e vou explicar-lhe porquê. Porque se há modelo que se constituiu numa base liberal de mercado aberto, mas com preocupações sociais e que conseguiu equilibrar as preocupações sociais com o desenvolvimento económico, esse modelo é o modelo social europeu. Esse é o património que a senhora devia estar a defender nesta casa. Tendo em conta qual é a sua preocupação ideológica ou, pelo menos, aquela que eu consigo perceber ser a sua preocupação ideológica, era esse o modelo que a senhora devia estar a defender. É esse o modelo que faz sentido, porque procura equilibrar os interesses e os direitos das pessoas face, também, aos interesses e aos direitos de iniciativa das empresas, fazendo funcionar em simultâneo o mercado e uma rede de protecção social financiada pelo Estado.

Era este o modelo que eu esperava que a Sra. Deputada viesse defender nesta casa e, portanto, fez-me “*espécie*”, constituiu motivo de surpresa o facto de não o ter feito.

Muito obrigado.

**Presidente:** Não havendo mais inscrições, para encerrar o debate, tem a palavra a Sra. Deputada Zuraída Soares.

**(\*) Deputada Zuraída Soares (BE):** Muito obrigada, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Relativamente à intervenção do Sr. Secretário Regional da Presidência, quanto a não querer e, com certeza, legitimamente, fazer parte da campanha eleitoral às eleições europeias, eu gostava de lembrar ao Sr. Secretário que, para já, não foi o Bloco de Esquerda nem o Grupo Parlamentar do Bloco de Esquerda que trouxe a esta câmara, durante este período legislativo, a problemática das eleições europeias. Se alguém está a fazer aqui campanha, Sr. Secretário, não é só o Bloco de Esquerda.

Por outro lado, não me parece que o tema Europa esteja interdito a esta câmara, bem pelo contrário. Se os Açores fazem parte da construção da Europa, a Europa tem de ser um tema a ser debatido com todas as diferenças e com todas as divergências que cada bancada personifica e, portanto, corporiza. Quanto a isso, não há campanha, há legitimidade para referir o assunto.

Depois, quanto à estranheza, ainda do Sr. Secretário, porque parece que nos estamos a pôr fora do sistema, de maneira nenhuma, Sr. Secretário. Nós estamos completamente dentro do sistema. Agora, não fomos nós que prometemos ao povo português referendar o Tratado de Lisboa, foram os senhores. Não foi o Bloco de Esquerda. Portanto, é absolutamente legítimo ao povo português e dos Açores também cobrar de quem está no poder as promessas que fez. É duma legitimidade democrática absolutamente transparente, pelo que eu também, como cidadã, o posso fazer. Mais, estou obrigada a fazê-lo.

Quanto ao militarismo, nós não temos a mínima dúvida: entre militarismo e pão, nós escolhemos pão. Quando não há dinheiro para as duas coisas, nós escolhemos uma, disso não temos a mínima dúvida. São opções e, por isso, são opções diferentes.

Também estamos convencidos que, entre o “*europorreirismo*” e o “*eurocepticismo*”, tem de haver para os povos uma terceira via porque, senão, não há esperança, não há futuro, não há projecto europeu para ninguém.

Quanto ao Tratado de Lisboa, sabemos, não o vou defender de maneira nenhuma. Primeiro, porque estamos contra ele por razões absolutamente públicas desde o início. Estamos contra o conteúdo, estamos contra a forma como foi imposto e, finalmente, estamos absolutamente contra, para resolver uma crise global, europeia e

mundial, mas agora no contexto da casa europeia, para resolver uma crise europeia não pode ser “*cada um por si*”, tem de ser “*um por todos e todos por um*”. As respostas não podem ser pedidas a cada país por si, “*arranjem-se*”, tem de haver uma resposta global. Não é isso o que o Tratado de Lisboa permite, nem é isso que esta nova construção, com o Dr. Durão Barroso à cabeça, está de facto a fazer.

Muito obrigada.

**Deputado Helder Silva (PS):** Para isso é preciso apoiar os instrumentos que o permitam.

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, vamos passar ao período destinado às Intervenções de Interesse Político.

Para uma intervenção, dou a palavra ao Sr. Deputado Luís Garcia.

**Deputado Luís Garcia (PSD):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O nosso mar é a maior riqueza dos Açores.

Apostar no seu conhecimento e em todas as actividades que se desenvolvem no mar ou que com ele estão relacionadas é um objectivo de grande alcance estratégico.

Acreditamos que tal aposta contribuirá significativamente para criar riqueza, promover o crescimento da nossa economia e aumentar a oferta de empregos, sobretudo para jovens qualificados, o que muito necessitamos.

A investigação científica, o desenvolvimento tecnológico e a inovação são os pilares de uma economia de conhecimento que constitui para a Região uma grande oportunidade e um campo com reais possibilidades de crescimento.

Existe, pois, no imenso oceano que nos rodeia um grande potencial que urge explorar e rentabilizar, dando passos seguros e fundamentados com um forte investimento tecnológico nestas áreas estratégicas.

Um desses decisivos passos seria, no nosso e no entendimento de muitos, a criação, nesta cidade mar, de um Parque Tecnológico ligado às actividades relacionadas com o mar.

Falamos, entre outras áreas que poderiam estar envolvidas neste parque: da investigação marinha no domínio das pescas, dos ecossistemas marinhos, do conhecimento do mar profundo; do ambiente no domínio das energias renováveis; e



até do turismo no domínio das actividades marítimo-turísticas, da náutica de recreio e dos desportos náuticos. Sem esquecer também a componente da formação e valorização dos recursos humanos necessários para todas estas áreas, que pode estar associada a este parque.

Este é um projecto que pela sua natureza deve envolver diversos parceiros.

Desde logo, o Departamento de Oceanografia e Pescas (DOP) que já apresentou disponibilidade para participar num projecto destes. Com o *know-how* que o DOP já possui e com a projecção internacional que já ganhou, a sua participação emprestará ao projecto credibilidade e garantia de sucesso.

Ao DOP deviam juntar-se outros parceiros, criando as sinergias necessárias: o Governo Regional, Câmaras Municipais a começar pela da Horta, Associações empresariais e ambientais e, atendendo à natureza e ao alcance deste projecto, acreditamos que muitos outros parceiros nacionais e internacionais poderiam ser devidamente envolvidos.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Infelizmente o Governo Regional parece não atribuir a este projecto a atenção e a prioridade que lhe é devida. O Governo parece não perceber as potencialidades e a visão estratégica que um projecto desta natureza poderia ter para o futuro dos Açores. Em vez dele o Governo fala, sem desenvolver e até confundindo os mais distraídos, na criação, no Faial, de um pólo de excelência ligado à investigação marinha.

E perguntamos: mais um pólo de excelência nesta área? Sim, mais um, pois já temos um, que é o DOP. O DOP não é um pólo de excelência ligado à investigação marinha reconhecido a nível internacional?

O que se pretende quando em relação ao Faial se deixa de falar em parque tecnológico e se usa esse equívoco de pólo de excelência? Pretende-se obviamente só jogar com as palavras!

Para nós a clareza na definição de objectivos é o primeiro passo com vista à obtenção dos mesmos. Importa, pois, clarificar as posições de cada um sobre esta temática.

Pela nossa parte, defendemos, hoje como ontem, a criação no Faial, de um Parque Tecnológico ligado a todas as actividades que se relacionam com o mar e não só à investigação marinha. Assumimo-lo como um projecto ambicioso e abrangente, no qual o DOP desempenhará papel de grande relevância.

O Parque Tecnológico do Faial é uma mais-valia de futuro para o Faial e para os Açores. A sua importância e o seu impacto no nosso desenvolvimento não se compadecem com dúvidas, com hesitações nem com manobras de diversão.

Aqui deixámos com toda a clareza o que pensamos e defendemos. Que aqueles que têm responsabilidade de decidir assumam a mesma clareza, a bem dos Açores.

Disse.

**Vozes de deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos das bancadas do PSD e do PPM)*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, estão abertas as inscrições para prestar e pedir esclarecimentos.

Agradecia, como sempre, a todas as Sras. e Srs. Deputados que queiram debater esta intervenção, com excepção dos Líderes dos Grupos e Representações Parlamentares e do Sr. Secretário Regional da Presidência, que se inscrevessem agora.

Tenho inscrito o Sr. Deputado Helder Silva, tem a palavra.

**(\*) Deputado Helder Silva (PS):** Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Veio o Sr. Deputado Luís Garcia trazer-nos aqui ao debate as questões do mar e a questão, falada já há alguns anos, da criação dum parque tecnológico nesta Ilha do Faial.

Quero cumprimentar o Sr. Deputado Luís Garcia por se juntar à pretensão apresentada pelo Partido Socialista há alguns anos e, aliás, reportada na comunicação social a esse propósito. Quero também cumprimentá-lo por aquilo que é um desígnio e um objectivo do Partido Socialista, plasmado nos seus compromissos eleitorais. Portanto, aquilo que posso fazer é, apenas, cumprimentá-lo.

Relativamente ao PSD e às coisas do mar, aquilo que nós temos sempre apreciado é uma enorme simpatia do Partido Social Democrata pelas coisas do mar. Uma enorme simpatia que o PSD sempre teve em relação ao DOP e promessas sucessivas, ao longo de 20 anos, de instalações condignas para os investigadores e técnicos daquela instituição.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** E os senhores, 13.

**O Orador:** A verdade, porém, é que os problemas não se resolvem só com essa simpatia, os problemas resolvem-se com investimento e empenho. O Sr. Deputado Luís Garcia teve agora uma oportunidade de realçar aquilo que falta fazer. É muito bom e muito importante nós destacarmos aquilo que falta fazer, aquilo que importa fazer mas, para que as nossas intervenções sejam credíveis, temos também de ser capazes de destacar aquilo que foi feito e está a ser feito.

Foi feito e está a ser feito pelo DOP, pelos seus investigadores, pelos seus técnicos, por aquela equipa muito capaz que temos aqui sediada nesta Ilha do Faial e, também, pelo apoio que tem sido manifestado e dado, oferecido, pelo Governo Regional, com grande empenho na resolução de um problema que tem nada menos do que 3 décadas. Refiro-me, naturalmente, ao problema das instalações do Departamento de Oceanografia e Pescas. Esta é verdadeiramente a prioridade. Este é verdadeiramente o problema que há muito importava resolver e que este Governo Regional tem resolvido. Este é o nosso ponto de partida para esta discussão.

O ponto seguinte, Sras. e Srs. Deputados, é que de facto importa gerar, aqui, alguma sinergia com outras entidades, com outras instituições, no sentido de, com essas sinergias, se produzir um centro que ultrapasse os limites e as fronteiras da investigação, penetrando também profundamente na nossa capacidade tecnológica.

Aliás, têm surgido, dentro do Departamento de Oceanografia e Pescas, alguns investigadores que têm feito investimentos interessantes em campos que não podem ser designados como estritamente de investigação, mas que são muito mais do que isso, que, verdadeiramente, representam tecnologia de ponta.

O Sr. Deputado referiu o capital humano, o investimento nas pessoas, a oferta de empregos nesta área e eu quero destacar aqui um curso, marítimo-turístico, que está a decorrer na Ilha do Faial, que o Departamento de Oceanografia e Pescas tem

promovido, com apoios, naturalmente também do Governo no âmbito das suas competências e obrigações mas, certamente, com grande empenho e carinho. É importante destacar, porque este é um curso fundamental para os Açores, porque vem formar pessoas em áreas muito diversas, ficando capacitados para mergulhar, ficando capacitados para gerir embarcações, também para navegarem com algumas embarcações, para observação de cetáceos, etc. É, portanto, um curso com valências múltiplas, muito interessante, que certamente vem garantir mais oferta de emprego numa área que é fulcral, que é fundamental.

A nós, deputados do Partido Socialista, orgulha-nos muito o trabalho que tem sido desenvolvido pelos governos do Partido Socialista e que, estou certo, irá ser prosseguido nestas áreas da formação mas, também, na criação de um parque tecnológico, criação esperada, desejada por nós antes de vós, mas é com muito prazer que escuto aqui as suas palavras nessa medida, de se juntarem agora a este nosso projecto, a este nosso desígnio, a esta nossa intenção.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional do Ambiente e do Mar.

**(\*) Secretário Regional do Ambiente e do Mar (*Álamo Meneses*):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo Regional:

Eu também quero saudar o Sr. Deputado pelo assunto que aqui trouxe e dizer que, da parte do Governo Regional, há a absoluta concordância em relação aos objectivos que o Sr. Deputado aqui traçou.

Aliás, foi o Governo Regional que iniciou esse processo e iniciou-o de duas maneiras. Por um lado, investindo na concretização de um anseio antigo, que era a construção de um edifício adequado para albergar o Departamento da Universidade que funciona aqui nesta cidade, obra que neste momento se encontra numa fase muito avançada de construção. Por uma agradável coincidência, o meu colega que tem a responsabilidade na área da Ciência e Tecnologia creio que estará, nesta altura, visitando essa mesma obra.

Não serei eu talvez a pessoa mais adequada para responder às questões mas, como ele não está aqui, gostaria também de lhe dizer que a questão do parque tecnológico no Faial e do investimento em tecnologia no Faial não é uma questão de semântica, é

uma questão da escolha de um nome adequado que traduza, efectivamente, aquilo que se pretende. E o que se pretende é investir em tecnologia.

Nós temos aqui um pólo que produz ciência, queremos manter a excelência na ciência – que ninguém disputa e que creio que nesta altura é consensual, aqui dentro e lá fora – e queremos acrescentar-lhe também, com essa mesma excelência, uma capacidade de produzir tecnologia. Foi com esse objectivo que se desenhou o primeiro projecto do edifício que está, neste momento, na sua fase final. É com esse objectivo que há um plano tecnológico para os Açores que está, neste momento, a ser executado, e está a ser executado em três pólos, um em São Miguel, na Lagoa, outro na Terceira e outro aqui. Estes três pólos, dentro da especificidade de cada uma das ilhas e daquilo que são, neste momento, as capacidades instaladas e o potencial científico de cada um dos Departamentos da Universidade, podem dar resposta, em termos de produção tecnológica, àquilo que é, neste momento, já a produção científica assente em cada um desses sítios.

Por outro lado, Sr. Deputado – embora eu não queira estar a fazer chamadas para o passado, mas é bom saber um bocadinho de história porque nos ajuda a vermos um pouco melhor o futuro...

**Deputado Jorge Costa Pereira (PSD):** Isso é quando vos convém.

**O Orador:** ... –, eu gostaria de lembrar que, nesta mesma câmara, há menos de uma década – o senhor nessa altura não estava –, houve aqui um debate em que a bancada em que o senhor hoje se senta chegou ao extremo de se opor a que houvesse nos Açores uma estrutura que fizesse apoio científico e tecnológico. Isso era uma área que não interessava, era uma área em que não devíamos investir, porque era um exclusivo da Universidade dos Açores. Foi uma posição tomada nessa altura, uma posição que, felizmente, uma nova geração de deputados, na qual o Sr. Deputado se inclui, já soube repudiar e tem hoje uma linguagem muito mais próxima daquela que nós, já nessa altura, tínhamos.

Por isso, aquilo que o Sr. Deputado quer para o Faial é aquilo que também nós queremos para o Faial e, nesta matéria, estamos de acordo.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Costa Pereira.

**(\*) Deputado Jorge Costa Pereira (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Duas breves considerações acerca destas intervenções do Sr. Deputado Helder Silva e do Sr. Secretário.

Em primeiro lugar, em relação ao Sr. Deputado Helder Silva, só posso dizer, com tristeza, que a sua intervenção acerca deste tema foi absolutamente lamentável, e lamentável por duas razões.

Em primeiro lugar porque o senhor, desde que exerce estas novas funções de líder parlamentar, não é capaz de abordar os assuntos sem uma componente partidária que é absolutamente lamentável vinda de uma pessoa com a sua craveira intelectual.

**Deputados José Manuel Bolieiro (PSD) e Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem! Muito bem!

**Deputado Helder Silva (PS):** Os senhores deviam reconhecer a vontade do Partido Socialista em relação a isto.

**O Orador:** E o que eu tenho para lhe dizer é apenas o seguinte: tudo aquilo que tem a ver com a questão do DOP no Faial é algo que une todas as forças políticas nesta ilha, e todas elas a seu modo participaram na defesa desses interesses.

**Deputado Helder Silva (PS):** Há pessoas que resolvem e outras que não resolvem. A diferença é essa.

**O Orador:** Portanto, a questão do DOP é um desígnio local, é um desígnio regional e não tem dono, como o senhor aqui quis dizer.

**Vozes de deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**O Orador:** Segunda questão, que prova, mais uma vez, que a sua intervenção foi absolutamente lamentável: o senhor “*lateralizou*” a conversa. O senhor não abordou a questão que foi colocada aqui. O que o senhor fez foi apenas conversa para entreter os distraídos.

A questão central é esta: os senhores têm de explicar aos faialenses e aos açorianos porque é que, de repente, deixaram de falar em parque tecnológico e usam essa bela designação, que ainda ninguém disse bem o que era, de centro de excelência. Isto é que é fundamental porque, como foi dito aqui, centro de excelência já o DOP é.

Aquilo que os senhores não querem é explicar estas questões e não querem clarificar o que está por detrás destes conceitos, porque a vossa má consciência não o permite.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** É verdade! Muito bem!

**O Orador:** Por isso mesmo é que a sua intervenção foi absolutamente lamentável.

Quanto ao Sr. Secretário, relativamente à sua intervenção, aquilo que posso dizer é apenas isto: conversa, muita; substância, zero.

**Vozes de deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Secretário Regional do Ambiente e do Mar (Álamo Meneses):** Tenha cuidado quando for visitá-la para não tropeçar na substância.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Marinho.

**(\*) Deputado António Marinho (PSD):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Apenas para deixar aqui uma questão e para dar verdade àquilo que foi dito nesta casa.

O Sr. Deputado Helder Silva falou aqui a propósito da construção do DOP e da actuação do Governo Regional para pôr as novas instalações do DOP como algo de efectivo. No entanto, o senhor tem de referir toda a história porque, se não o fizer, o senhor está a mentir. Concretamente, está a mentir.

**Deputado Helder Silva (PS):** Quando muito, estou a omitir.

**O Orador:** Relativamente a essa questão, é bom lembrar que o processo das novas instalações do DOP tinha já o seu financiamento assegurado e estava já na fase de apresentação do projecto final, no momento em que entra o Governo Socialista na República, que vai terminar a sua vida dentro de alguns meses.

**Deputado Helder Silva (PS):** Promessas!

**O Orador:** Tinham uma verba atribuída em PIDAC, distribuída pelos anos de 2006 e de 2007, de 2.700 mil euros.

**Secretário Regional do Ambiente e do Mar (Álamo Meneses):** Olha como a história muda!

**O Orador:** Ouça! Ouça e deixe ouvir!

Entra o novo Governo da República em 2005, a seguir ao Governo do PSD e do CDS/PP, e esse novo Governo da República, da responsabilidade do Partido

Socialista, o que faz é, relativamente aos 2.700 mil euros que estavam assegurados, reduzi-los a 50 mil euros. Reduz a verba a 1,9% daquilo que estava assegurado. Esta é a verdade. A sanha de cortes do Governo da República, da responsabilidade do Partido Socialista, a única coisa que fez foi parar um projecto que já estava completamente assegurado.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Portanto, Sr. Deputado Helder Silva, o senhor dizia há bocado que “uns resolvem, os outros não resolveram”. Não é verdade! Uns já tinham resolvido e os senhores pararam aquilo que já estava resolvido.

**Vozes de deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Garcia.

**(\*) Deputado Luís Garcia (PSD):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Diz o Sr. Deputado Helder Silva que isto é um compromisso do Partido Socialista.

**Deputado Helder Silva (PS):** É sim senhor!

**O Orador:** Eu passo a ler o que os senhores têm no vosso manifesto eleitoral sobre esta matéria: “Apoiar a criação, com base no DOP e no Centro do Mar, de um pólo de excelência em ciências e tecnologia para a exploração dos oceanos”.

**Deputado Helder Silva (PS):** Então, é ou não um compromisso do Partido Socialista?

**O Orador:** Cito um outro escrito: “Mas não fará igualmente sentido que o Faial avance para a construção de um parque tecnológico nos domínios das pescas, da oceanografia, do mar profundo, fontes hidrotermais, robótica e aquacultura?”

**Deputado Helder Silva (PS):** Está a citar-me!

**O Orador:** Sras. e Srs. Deputados, sabem quem é o autor deste escrito? É o Sr. Deputado Helder Silva.

**Deputado Helder Silva (PS):** Eu agradeço a atenção, só não percebo qual é o problema.



**O Orador:** Os senhores estão de acordo, mas o que os senhores não explicaram é qual é a diferença nisto, porque a diferença é muita.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** A abrangência disto é muita. É isso que os senhores têm de explicar e que não explicaram.

A sua opinião, escrita num jornal local, não está plasmada nas propostas eleitorais do Partido Socialista e é isso que o senhor tem de explicar: qual é a diferença? Não basta dizer que estão de acordo porque, de facto, estarem de acordo e depois as coisas não estarem devidamente clarificadas não é a mesma coisa.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Era isso que eu queira que o senhor esclarecesse, muito claramente, aos faialenses e aos açorianos: o que é que efectivamente os senhores defendem sobre esta matéria?

**Deputados Jorge Macedo e Rui Ramos (PSD):** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional do Ambiente e do Mar.

**(\* Secretário Regional do Ambiente e do Mar (Álamo Meneses):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Eu começaria pela última intervenção e começaria por lhe dizer o seguinte: em relação ao manifesto eleitoral, os faialenses já o julgaram e já lhe deram a sua aprovação.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Não é isso que está em questão.

**O Orador:** É isso que eu gostaria de lhe lembrar.

Essas palavras são as palavras que estão no manifesto, foram públicas e conhecidas. É isto que está em discussão.

**Deputado Luís Garcia (PSD):** É a parte de tecnologia ou é a parte de excelência?

**O Orador:** Sr. Deputado, deixe-me explicar-lhe, com toda a calma e com toda a serenidade. Ouça.

Não vale a pena estar aqui a inventar um incidente em torno de semântica.

Sr. Deputado, há a garantia e a vontade do Governo Regional de investir nessas áreas, com a abrangência que consta do artigo que o Sr. Deputado citou e que, aliás, foi feito e fez parte de uma mesma campanha que, com toda a coerência, desembocou

num Programa de Governo e desembocou neste Governo. Sr. Deputado, não há nenhuma alteração, há apenas uma questão de nomenclatura, que foi escolhida porque se achou que era mais bonito assim.

**Deputado Jorge Costa Pereira (PSD):** O senhor quer que acreditemos nisso?

**O Orador:** A questão dos nomes não interessa, o que interessa é o conteúdo.

**Deputado António Marinho (PSD):** Isso deve ter a ver com a tradução automática!

**O Orador:** Em relação ao conteúdo, Sr. Deputado Luís Garcia e Sr. Deputado Marinho, eu gostava de lhes dizer que, muito mais importante do que palavras, existe neste momento uma obra, uma obra que existe na Terceira, uma obra que está aqui e que é a resolução de um problema que os senhores nunca souberam e nunca quiseram resolver. O Sr. Deputado vem aqui com palavras, com PIDACs, com citações, mas isso pouco interessa. O que interessa, nesta altura, é uma obra que está a ser feita. Essa obra é muito mais eloquente do que eu aqui serei e, então em relação ao senhor, extraordinariamente mais eloquente. Não vale a pena continuarmos com esta discussão, porque a obra está à vista.

Muito obrigado.

**Deputada Catarina Furtado (PS):** Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Helder Silva.

**(\* Deputado Helder Silva (PS):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Muito útil, esta discussão, porque, efectivamente, o Sr. Deputado Luís Garcia chegou-nos aqui como uma espécie de “salvador da pátria” que, depois de ter salvo imensas coisas na nossa Ilha do Faial...

**Deputado Jorge Costa Pereira (PSD):** Salvou tantas quanto o senhor, ou talvez mais!

**O Orador:** ...e na nossa Região em nome do PSD, vinha agora também garantir, em nome da oposição, a construção deste... Eu nem sequer vou dar um nome porque, se eu der mais um nome e não acertar com alguma das designações anteriormente aqui apresentadas, vamos ter aqui uma enorme discussão.

Devo dizer-lhe, Sr. Deputado Luís Garcia, que há uma coisa que o tempo me foi ensinando: nós não nos devemos meter em tudo. Nós devemos meter-nos naquilo que melhor entendemos, nas matérias para as quais estamos melhor preparados. Estou certo, Sr. Deputado, que grande parte da sua confusão se deve a isso.

No entanto, a sua intervenção foi de uma enorme utilidade, porque o senhor não só veio ler o manifesto do Partido Socialista e atestar os nossos compromissos nesta matéria, como veio também, e eu agradeço-lhe, ler as declarações que eu anteriormente proferi sobre esta mesma matéria.

O que me importa a mim, Sr. Deputado, o que importa aos açorianos e, também, muito concretamente, aos faialenses, não é a questão da designação que se vai dar a este investimento. O que importa é a questão mais substantiva, ou seja: o que é este investimento. Foi isso, Sr. Deputado, que eu não consegui entender: o que é que na sua – na vossa – cabeça, deve ser este investimento. Eu posso dizer aquilo que é, na nossa cabeça, a necessidade do investimento que deve ser feito na Ilha do Faial.

**Deputado Luís Garcia (PSD):** Era isso que o senhor queria, saber onde o iria colocar!

**O Orador:** Posso explicar-lhe, aliás como expliquei e como o Sr. Deputado foi capaz de ler. Foi capaz de descrever aquilo que eram áreas de investimento que deveriam e poderiam estar incluídas neste centro tecnológico.

**Secretário Regional do Ambiente e do Mar (Álamo Meneses):** Em ciência e tecnologia, o senhor devia ter vergonha do seu passado.

**O Orador:** O que importa sobretudo, Sr. Deputado, o cerne desta ideia – porque pegar na ideia é fácil, o que é difícil, às vezes, é compreender o cerne da ideia – eu vou explicar-lhe qual é. O cerne da ideia, Sr. Deputado, é que – talvez se tenha apercebido disso – há inúmeras instituições internacionais, dos Estados Unidos, da Alemanha, da Inglaterra, da Noruega, até da Rússia, que frequentemente se deslocam para a área dos Açores para fazer investigação, com navios normalmente de 70, 80 ou 90 metros.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Sr. Deputado, é melhor não entrarmos nos navios.

**O Orador:** Sabe quanto é que custa por dia utilizar um navio destes? Pode custar qualquer coisa como 10, 15 ou 20 mil euros, ou melhor, 20 mil contos. Está a ver?

Agora, multiplique isso por um navio que vem da Rússia, que se desloca para aqui durante 15 dias de navegação, que faz aqui uma expedição durante 2 meses e que regressa. Veja o custo que isto tem.

A lógica, para que o senhor compreenda e melhor possa, no futuro, defender aquilo que nós, Partido Socialista, defendemos, é a seguinte: estes países, estes laboratórios e estas instituições, que querem fazer investigação no mar dos Açores – e nós também queremos que eles a façam, mas queremos que a façam em sinergia – podem fazê-la melhor, com custos reduzidos e com maior capacidade de sinergia com as nossas instituições, neste caso com a Universidade dos Açores se, em vez de deslocarem estes meios, tiverem aqui sediado um laboratório que possam partilhar com outras instituições internacionais, reduzindo assim o custo, partilhando assim mais informação e assim ganhando mais nós todos, os Açores e o Faial. É este o espírito, é esta a ideia.

Eu espero que o Sr. Deputado, agora, tenha entendido um pouco melhor, para que possa melhor defender, futuramente, o nosso projecto, o nosso desígnio, a nossa vontade para o Faial.

Muito obrigado.

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Costa Pereira.

**(\*) Deputado Jorge Costa Pereira (PSD):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Essa coisa do espírito e da ideia é interessantíssima porque, Sr. Deputado Helder Silva, o senhor preferiu o conforto de não dar um nome ao que se vai fazer, ou ao que o Governo pensa fazer aqui.

**Deputado Helder Silva (PS):** Só não quis baralhar as vossas cabeças!

**O Orador:** O senhor não quis dar um nome, mas o Sr. Secretário Álamo Meneses é muito mais prático nestas coisas: para ele, é tudo igual. Falar de parque tecnológico ou de centro de excelência é a mesma coisa, não há diferença nenhuma. Isso, aliás, é o estilo que já lhe conhecemos.

**Secretário Regional do Ambiente e do Mar (Álamo Meneses):** Ele está lá feito. Está lá em cima.

**O Orador:** Sr. Secretário: o problema é que o Governo não está falando todo a mesma linguagem. O Sr. Secretário José Contente, na Comissão dos Assuntos Sociais, disse o seguinte...

*(Apartes inaudíveis da câmara)*

**Presidente:** Está no uso da palavra o Sr. Deputado Jorge Costa Pereira.

**O Orador:** Se quiserem ouvir o Sr. Secretário José Contente, putativo candidato a presidente do Governo, eu cito-o:

“Em resposta às questões referentes aos parques tecnológicos, o Secretário Regional informou que é intenção do Governo criar infra-estruturas dedicadas a áreas específicas e exemplificou com o Centro de Excelência do Mar, no Faial, e o Parque Tecnológico de São Miguel, dedicado às ciências da terra. Mais informou que o Parque Tecnológico de São Miguel terá uma construção faseada, sendo o primeiro concurso lançado ainda em 2009. O Expolab vai ser inaugurado em breve” e por aí adiante.

O Sr. Secretário José Contente não disse “Parque Tecnológico do Faial” e “Parque Tecnológico de São Miguel”. Disse “Centro de Excelência do Mar no Faial” e “Parque Tecnológico de São Miguel”. E é esta questão, que não é de semântica, porque nós sabemos que não é de semântica, que os senhores têm de explicar aqui.

Segunda questão: na verdade, o que se passa é que os senhores não sabem o que querem.

**Deputado Helder Silva (PS):** Nós é que não sabemos?

**O Orador:** Os senhores não sabem o que querem.

**Deputado Helder Silva (PS):** Os senhores é que têm o dever de clarificar o que querem.

**O Orador:** Os senhores puseram a concurso a obra para o Estádio Mário Lino. Foi suspenso o trabalho do júri exactamente na altura da adjudicação da obra. Foi adiada *sine die*. Não sabem o que querem: avançam e depois mandam parar e adiar.

Os senhores agora falam do parque tecnológico. Uns dizem parque tecnológico; outros dizem centro de excelência; uns dizem que é tudo igual, é tudo a mesma coisa;

outros dizem que não, são coisas diferentes. No fundo, os senhores não sabem bem o que querem: e espalham a confusão, para melhor reinar.

Mas nós sabemos o que os senhores querem. E o que querem é só cativar votos e apoio da população, com promessas e com conceitos propositadamente confusos, para no fim fazerem o que muito bem entenderem!

Estes exemplos mostram bem a fiabilidade dos vossos compromissos para com os faialenses. Mostram bem a seriedade com que os senhores estão neste processo.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Muito bem!

**Secretário Regional da Economia (Vasco Cordeiro):** Não apoiado!

**Deputado Helder Silva (PS):** Até há um mês faziam isso com o porto da Horta. Sabe como é que isso se chama? Desconfiança!

**O Orador:** Também esse é um assunto de que qualquer dia vou falar aqui!

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, não havendo mais inscrições, vamos passar para a intervenção seguinte.

Tem a palavra, para uma intervenção, a Sra. Deputada Piedade Lalanda.

**Deputada Piedade Lalanda (PS):** Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Em Outubro de 2007, foi votado favoravelmente nesta Assembleia o Projecto de Resolução, apresentado pelo Grupo Parlamentar do Partido Socialista, que *“recomenda ao Governo Regional a realização de um estudo sobre a gravidez na adolescência conduzido por uma equipa multidisciplinar, que aborde, entre outros, os domínios educacional, sócio-económico, social e psicológico que caracterizam esta problemática, proporcionando o diagnóstico exhaustivo da situação na Região e contribua para a formulação de propostas adequadas de intervenção”* (cit. Resolução n.º21/2007/A, de 21 de Novembro).

Recorde-se, a propósito desta recomendação, que o Grupo Parlamentar do PSD entendia que deveria ser a Comissão Permanente de Assuntos Sociais a realizar esse estudo diagnóstico, tendo inclusive apresentado um Projecto de Resolução nesse sentido.

Para o Grupo Parlamentar do PS, um estudo sobre esta problemática nunca poderia ser uma mera análise dos números publicados pelo INE porque, face à dimensão do

fenómeno particularmente em determinados concelhos da Região, era fundamental conhecer e analisar os factores de risco, o perfil sociológico das adolescentes, contribuindo por essa via para a formulação de propostas adequadas de intervenção.

A recomendação da Assembleia foi de imediato acolhida pelo Governo Regional, e o então Secretário da pasta dos Assuntos Sociais, Dr. Domingos Cunha, convidou a Equipa da Professora Maria Cristina Canavarro, que há 12 anos trabalha com grávidas adolescentes na maternidade Daniel de Matos em Coimbra.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O Estudo sobre a “Gravidez e Maternidade na Adolescência nos Açores” foi já apresentado pelo Governo, em sessão pública, no passado dia 27 de Abril. É um trabalho exaustivo, que confirma a justeza da pretensão do PS ao recomendar que se analisasse esta problemática de forma científica.

Os resultados a que a equipa de investigação chegou confirmam que este fenómeno nos Açores não se altera apenas com um investimento na Educação Sexual ou no acesso às consultas de Planeamento Familiar, como defendia o PSD no seu projecto de Resolução e como também se depreende do pensamento expresso pela bancada do PP.

Uma acção preventiva da ocorrência de casos de gravidez na adolescência, para ser eficaz, tem de ser uma acção coordenada, envolvendo, entre outros, os agentes educativos, os técnicos de saúde, os responsáveis pela política de habitação e protecção social.

Uma das principais conclusões deste relatório aponta para a necessidade de alterar o quadro de referências das jovens, particularmente as que residem em determinados contextos sociais, nomeadamente por via do reforço da permanência no percurso escolar, investindo nas competências profissionais e pessoais das adolescentes, que não se limitem às que manifestam na vida doméstica.

Fica provado com os resultados apresentados que não basta facilitar o acesso à contracepção, nem podemos ficar de consciência tranquila por ocorrerem, nas escolas da Região, sessões informativas sobre sexualidade, apesar da importância que devemos dar à educação sexual e afectiva dos jovens. Refira-se a propósito que, em termos de contracepção, apenas uma pequena percentagem das adolescentes (2,3% do

grupo de controlo e 3,3% do grupo das grávidas) referiu não conhecer qualquer método contraceptivo. De salientar ainda que é a Escola a principal fonte de informação, facto que confirma a divulgação de conteúdos de Educação Afectivo-Sexual em ambiente escolar, como aliás estipula o Decreto Legislativo Regional n.º 18/2000/A, de 8 de Agosto.

A gravidez precoce nos Açores integra-se num quadro de referências sociais e culturais, onde se evidencia uma socialização desigual dos papéis sociais de género; uma valorização social das relações de maternidade, paternidade e conjugalidade, enquanto dimensões de uma identidade social reconhecida; uma fraca valorização dos estudos e da formação profissional no desenvolvimento e na promoção pessoal. De acordo com as conclusões do estudo agora conhecido, estas são dimensões que se cruzam com os motivos que explicam o significativo número de casos de gravidez precoce nos Açores.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Se tivéssemos apenas analisado o fenómeno da gravidez precoce com base nos dados publicados pelo INE, teríamos concluído que a Região mantém, com dados de 2007, cerca de 10% de nascimentos de mães com menos de 20 anos. Veríamos também que, desde 1995, para não recuar mais no tempo, este indicador tem diminuído, passando de 412 casos em 1995 para 287 em 2007. No entanto, em termos relativos, esta diminuição representou apenas 2,7 pontos percentuais, mantendo-se nos Açores a taxa de gravidez na adolescência mais elevada do País.

**Que concelhos/freguesias registam os números mais elevados? Qual o perfil da jovem adolescente que engravida? Em que contextos esse risco é mais favorecido? Que medidas tomar? Que entidades envolver numa intervenção que se quer eficaz? Que prioridades devemos adoptar nessa intervenção?**

Estas foram algumas das muitas questões colocadas à Equipa de investigação e que encontram resposta no relatório produzido e entregue ao Governo e por este à Assembleia, cujas conclusões gostaria de resumir brevemente nesta intervenção.

**Onde se situa o maior número de casos de gravidez adolescente?**

Quando se analisa o mapa da gravidez adolescente nos Açores e se nos situarmos nos dados publicados em 2006, verificamos a recorrência deste fenómeno em algumas



ilhas (S. Miguel, Terceira) e particularmente em algumas freguesias/concelhos, nomeadamente, Rabo de Peixe no concelho da Ribeira Grande; Arrifes, Fajã de Cima, Feteiras, São Pedro e São Roque, na periferia e na cidade de Ponta Delgada; São Mateus, Santa Luzia, Terra Chã e Conceição na periferia e na cidade de Angra do Heroísmo.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Socialistas!

**A Oradora:** Estamos perante um fenómeno que afecta zonas socialmente desfavorecidas, habitualmente associadas a habitação de baixo custo ou a bairros sociais com forte densidade de famílias com percursos de escolaridade incompletos e com baixos níveis de rendimento.

### **Qual o perfil da grávida/mãe adolescente?**

Em breves traços, podemos definir o perfil das adolescentes, com base na amostra utilizada neste estudo.

- Estamos perante adolescentes que iniciam a sua vida sexual por volta dos 15 anos e engravidam depois dos 16 anos, sendo a média encontrada na amostra de 17,4 anos, valor considerado superior ao que se regista noutras pesquisas no continente. Em S. Miguel e na Terceira foram sinalizados os casos mais jovens.
- Após o anúncio da gravidez, as adolescentes passam a residir, em 76,1% dos casos, com o pai do bebé, com quem namoravam há mais de ano, vivendo em união de facto ou mesmo casando. Ficam a residir, sobretudo, na casa dos pais ou com a família do companheiro/namorado, sendo o número das que se autonomiza por via de uma habitação muito reduzido. São filhas de agregados numerosos, o que configura eventuais situações de sobrelotação.
- A grande maioria (95,3%) possui um nível sócio económico baixo.
- Um número significativo destas adolescentes (76,8%) abandona a escola sem completar o 9.º ano de escolaridade e são muito poucas as que frequentam o ensino profissional. A grande maioria (70,5%) já tinha abandonado o sistema educativo quando engravidou, alegando desmotivação, falta de interesse e ausência de vantagens associadas aos estudos. De referir que os pais destas jovens são também eles pouco escolarizados (72,2% dos pais e 64% das mães têm apenas o 1.º ciclo).

- No que toca à saúde física, as adolescentes que engravidam são maioritariamente saudáveis, não manifestando complicações durante a gravidez. Na história familiar é recorrente a gravidez em idades jovens em outros parentes, primas, mães, parentes próximos.
- Em termos cognitivos, manifestam menores competências ao nível do pensamento abstracto, o que poderá traduzir uma maior dificuldade em antecipar consequências e uma maior propensão em tomar decisões precipitadas.
- Um último traço, porventura o mais relevante, enquanto especificidade regional registada na amostra das grávidas e mães adolescentes, prende-se com o facto de estarmos perante domésticas/inactivas, que não manifestam intenção de procurar emprego (71%), transferindo a sua garantia de sobrevivência para os companheiros, também eles com níveis baixos de escolaridade, mas na sua grande maioria activos (apenas 4% dos namorados ainda estuda).
- Perante a notícia de gravidez estas adolescentes reagem, na sua maioria (75,5%) de forma “razoável ou positiva”, o que difere de outros estudos realizados no continente. Enquanto grávidas, têm expectativas positivas, apesar de revelarem emoções e comportamentos indicadores de alguma dificuldade de adaptação, que se agravam após o nascimento do bebé. Este é um importante indicador da “desilusão” sentida pelas mães adolescentes, que vêm alterar-se a relação com o companheiro, após o nascimento e a instalação definitiva no papel materno.

### **Em que contextos se evidencia este perfil de jovem que engravida?**

O perfil acima referido configura contextos sociais de risco, que podemos encontrar em agregados numerosos, com baixo rendimento sócio-económico e níveis de escolarização baixos; onde se registam histórias frequentes de gravidez precoce; onde há abandono do sistema educativo sem a escolaridade obrigatória; onde há ausência de qualificações profissionais e fraca motivação das mulheres para o mercado de trabalho; onde há um início da vida sexual antes dos 16 anos, e relações de namoro, de duração superior a um ano, com companheiros mais velhos e activos.

**Que medidas tomar? Que entidades devemos envolver para intervir de uma forma eficaz? Que prioridades adoptar perante esta realidade da gravidez adolescente?**

O diagnóstico apresentado pela Equipa da Prof. Cristina Canavarro é elucidativo ao apresentar recomendações com vista à prevenção e intervenção na gravidez e maternidade adolescente, de acordo aliás com a Resolução votada neste parlamento.

As Recomendações apresentadas apontam dois princípios fundamentais e quatro contextos de intervenção.

Ao nível dos princípios, reforça-se a importância do conhecimento como suporte de decisões, neste caso políticas, que deverão ser orientadas para projectos de acção com continuidade e profundidade. Por outro lado, tendo em conta o facto de este ser um fenómeno pluri-determinado, qualquer acção deverá ser realizada em parceria, envolvendo várias entidades e áreas de intervenção.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

No que concerne aos eixos de acção, são referidos como necessários programas que tenham em conta os contextos que fomentam ou contribuem para este fenómeno, mas também onde se pode intervir, alterando o quadro de referências que o justifica.

- **Contexto escolar** – é evidente que o insucesso e o abandono escolar são factores de risco, o que implica apostar na motivação vocacional e profissional e incentivar a permanência no sistema de ensino. Em termos da educação sexual, e considerando que a escola é a principal fonte de informação, importa aumentar e sobretudo, melhorar a qualidade da informação proporcionada, procurando que esta integre uma perspectiva global da educação para a cidadania e os afectos (não sendo relevante se os conteúdos integram uma disciplina curricular ou actividades extra-escolares). Ainda em contexto escolar, é importante que as escolas garantam a permanência das grávidas adolescentes, criando soluções que permitam a conciliação de papéis, nomeadamente com o recurso à colocação dos bebés em creches ou outros sistemas integrados de apoio à família.
- **Contexto profissional** – reconhecendo o facto de a maioria das jovens que engravidam serem domésticas, sem qualificação para o mercado de emprego, importa apostar em percursos de formação alternativos, capazes de estimular outras competências, que não apenas as que são experienciadas no contexto familiar e doméstico, as quais são fortemente reforçadas pelo modelo cultural de referência.

- **Contexto comunitário e institucional** – considerando a referência positiva que as grávidas e mães adolescentes fizeram aos serviços de saúde, é fundamental que nas comunidades onde se identificam famílias de risco e adolescentes com o perfil identificado, se desenvolvam programas de educação para a saúde e planeamento familiar, em coordenação com as escolas, orientados por equipas multidisciplinares. Nos casos das grávidas, a preparação para o parto, a vigilância de saúde deve contar com o envolvimento dos companheiros e da mãe da jovem e realizada em ambiente de grupo, onde as experiências possam ser partilhadas. Refiro aqui a propósito a experiência que tive em Rabo de Peixe, onde foi lançada uma iniciativa, concretizada com evidentes resultados positivos. Muitas das jovens que participaram nos cursos de preparação para o parto desconheciam o processo da gravidez e revelavam informações deturpadas em relação aos cuidados a ter com o bebé.
- O estudo refere ainda a importância do acompanhamento clínico, que deverá ser generalizado a todas as adolescentes e tratado por um serviço pluridisciplinar, numa consulta específica. Relembre-se a propósito que os serviços hospitalares ou os centros de saúde deveriam possuir uma consulta para adolescentes, abandonando a designação de “consulta de alto risco”, uma vez que, como ficou demonstrado, o risco maior destas jovens não é físico, mas de carácter psicossocial, devendo essas equipas proporcionar apoio e acompanhamento a esse nível.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Alto risco é outra coisa, Sra. Deputada. Não confunda as coisas.

**A Oradora:** Para além da gravidez, o relatório assinala a importância do acompanhamento pós-parto, particularmente ao nível da orientação contraceptiva e da existência de grupos de entreajuda, onde os jovens pais possam partilhar experiências, dificuldades e receber formação em termos de educação parental, nomeadamente ao nível dos cuidados a ter com o recém-nascido.

- **Contexto familiar** – Porque estamos perante um quadro de referências culturais, ao nível da socialização de modelos e das relações de género, particularmente as que ocorrem no contexto familiar, esta é sem dúvida uma das áreas onde mais se

justifica a intervenção. Uma intervenção que deveria começar desde logo pela identificação das famílias de ou em risco, seja ao nível dos serviços de acção social, dos serviços de saúde ou até pelas equipas pluridisciplinares das escolas. Particularmente a estas famílias, deveriam ser proporcionados programas de educação parental, fomentando competências relacionais que estimulem o investimento na escolarização, a comunicação na família, proporcionando também formação e acompanhamento ao nível dos cuidados ao bebé.

- Para alterar o quadro de referências culturais, importa que se aposte, quando tal se justifique, em alternativas de guarda aos bebés que não sejam baseadas na família de origem, proporcionando à jovem mãe a possibilidade de continuar estudos ou integrar o mercado de trabalho, estimulando ao mesmo tempo os bebés e as crianças de forma adequada à etapa de desenvolvimento em que se encontram.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

Perante o relatório agora apresentado, não restam dúvidas de que a gravidez na adolescência não é uma fatalidade, mas um indicador que pode ser alterado. A Região tem investido na prevenção, no acompanhamento mas, porque se trata de uma realidade com enraizamento cultural, ainda não se obtiveram as alterações desejadas. Importa continuar e reforçar uma acção consertada das várias entidades que, no terreno, trabalham com famílias em risco. Importa atender aos factores que explicam este fenómeno e investir, de forma cuidada, no tipo de informação que é transmitida, na qualificação dos técnicos e, particularmente, é fundamental que se avaliem as iniciativas, os gabinetes que já foram criados, as consultas e outras acções já em curso.

Este foi um trabalho de investigação profundo, realizado com mestria pela equipa da Prof. Canavarro. No entanto, é fundamental que todos os que trabalham na comunidade se preocupem em conhecer a realidade dos cidadãos a quem prestam serviço, e por via desse conhecimento, reavaliem as acções que desenvolvem, sejam na escola, nas unidades de saúde ou nos serviços de acção social.

Podemos e devemos fazer melhor, podemos e devemos alterar o quadro de referências e diminuir de forma mais significativa a incidência da gravidez na

adolescência nos Açores. Cremos que essa é também a vontade do Governo Regional, aliás demonstrada desde logo ao cumprir a Resolução desta Assembleia.

Sobre este problema, temos o estudo, temos o conhecimento dos factos, agora e cada vez mais resta continuar a cumprir a acção, intervindo com fundamento, de forma concertada e continuada. Nesse sentido, julgamos que seria desejável a criação de grupos de trabalho interdepartamentais, prioritariamente nas comunidades que registam maior incidência de casos de gravidez adolescente. Atrevo-me a dizer, porque não em duas ou três freguesias, sob a forma de uma experiência piloto. Importa que essas equipas agreguem os agentes da escola, os serviços de saúde e da acção social e outras entidades públicas ou privadas, nomeadamente movimentos da igreja, IPSS que diariamente lidam com famílias em risco. Definido um plano e delineada uma meta a atingir, certamente que uma acção coordenada, que envolva estas várias entidades, permitirá reduzir o número de casos.

Termino, felicitando publicamente a equipa de investigadores que realizou o estudo sobre a Gravidez e Maternidade na Adolescência nos Açores e os responsáveis dos Governos do PS que acataram de forma qualificada a Resolução desta Assembleia.

Com o cumprimento desta Resolução, fica claro que o importante não é fazer alarmismo com os números que se publicam nas estatísticas, mas ser capaz de os analisar, de melhorar o conhecimento sobre a realidade, para poder planear e agir de forma eficaz.

Disse.

*(Aplausos das bancadas do PS e do Governo)*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, estão abertas as inscrições.

Sr. Secretário Regional da Presidência, tem a palavra.

**(\*) Secretário Regional da Presidência** (*André Bradford*): Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

Antes de mais, gostava de começar por saudar a intervenção da Sra. Deputada Piedade Lalanda, uma intervenção equilibrada, responsável, habilitada, como costuma ser seu timbre e como cumpre destacar.

Por um lado, porque sintetizou, de forma bastante clara, o estudo levado a cabo pela Professora Cristina Canavarro. Por outro lado, porque enquadrou de modo correcto, tal como o estudo o faz, a problemática da gravidez na adolescência e a forma como ela ocorre nas nossas ilhas, que difere, como sabemos, em parte e até pelos números, da realidade nacional. De facto, e é bom que isso se refira, nós temos números relativos a 2007 bastante superiores à média nacional, mas também temos – e esse dado é importante para relativizar esses mesmos números – dados próximos de algumas das regiões do todo nacional, como acontece por exemplo em relação ao Alentejo e à Região Autónoma da Madeira. Não é que isso seja um grande conforto, mas é para dar a ideia concreta da nossa posição em termos dum eventual *ranking* deste problema.

O Governo Regional foi, nesta matéria, célere na elaboração do estudo – aliás, cumprindo as indicações que recebeu desta Assembleia – e procurará também ser célere na execução e na adopção de medidas adequadas decorrentes do próprio estudo. De imediato – e essa indicação pode ser aqui dada – o Governo vai, a partir de 20 de Junho, iniciar consultas de planeamento familiar para adolescentes nos centros de saúde.

**Deputada Carla Bretão (PSD):** Muito bem! Finalmente!

**Deputado Cláudio Lopes (PSD):** Finalmente! Passados 13 anos!

**O Orador:** Essa é uma notícia que vos posso dar e que posso dar à Sra. Deputada. Também nos hospitais as consultas de alto risco serão orientadas para uma vertente da problemática da gravidez na adolescência, garantindo que, depois do parto e precedendo a alta hospitalar, seja feita consulta de planeamento familiar e prescrição gratuita de contraceptivos. Estas são duas medidas a tomar no mais curto espaço de tempo e que vos posso deixar aqui como informação.

Por outro lado, está a Secretaria Regional da Saúde, em colaboração estreita com a autora do estudo, a desenvolver um plano de acção que tem, num primeiro momento, os seguintes objectivos...

*(Apartes inaudíveis da câmara)*

**O Orador:** Não sei se estão interessados em saber o que pretende fazer o Governo, presumo que sim.

**Deputada Nélia Amaral (PS):** Não devem estar, porque não se inscreveram para debater a intervenção!

*(Apartes inaudíveis da câmara)*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, está no uso da palavra o Sr. Secretário Regional da Presidência.

**O Orador:** Eu presumo que os senhores estão interessados em saber que medidas poderá tomar o Governo na sequência deste estudo, que foram os próprios os senhores a pedir que o Governo elaborasse. Portanto, julgo que era importante mas, se não quiserem, falo só para aqui e os senhores continuam a falar.

Por outro lado, dizia eu, está a Secretaria Regional da Saúde, num primeiro momento, em colaboração com a autora do estudo, a desenvolver um plano de acção que passa por identificar as acções que já estão em curso, quer na área da saúde, quer em áreas conexas, como a educação, a solidariedade social, que são áreas que também têm, directa ou indirectamente, influência nesta problemática. A ideia é que se reorganizem os recursos existentes e as acções que já existem, de modo a que possa ser implementado de forma mais eficaz e mais eficiente o conjunto de medidas que decorre das sugestões contidas no estudo agora efectuado.

Depois, julgo importante destacar acções que já estão em curso e que vêm de encontro...

**Deputado Rui Ramos (PSD):** De encontro ou ao encontro?

**O Orador:** ...ao encontro dos objectivos e dos problemas detectados no estudo em causa. Falo da existência de consultas de planeamento familiar; de acompanhamento de grávidas; de saúde materna, infantil e escolar; da existência de protocolos entre os centros de saúde e escolas, no âmbito da educação para a saúde; da dispensa gratuita



de contraceptivos nos centros de saúde; da existência de um programa de educação afectivo-sexual no currículo das escolas dos Açores; da existência, nas escolas, de equipas multi-disciplinares, integrando professores, psicólogos, profissionais de saúde e assistentes sociais; falo também do apoio escolar em articulação com a Segurança Social para a integração dos filhos das adolescentes em creches e amas; e, por fim, destaco a formação parental e familiar, promovida pelas equipas multi-disciplinares do Instituto de Acção Social ou com protocolos com as IPSS.

Se for necessário, o Programa do Governo define como objectivo a procura de soluções para minimizar esta problemática na Região e, portanto, desta forma estamos também a dar cumprimento àquilo que prometemos aos açorianos.

Muito obrigado.

**Presidente:** A Sra. Deputada Piedade Lalanda tem três minutos para prestar esclarecimentos.

**(\*) Deputada Piedade Lalanda (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Pedi a palavra apenas para me congratular com a informação manifestada aqui pelo Sr. Secretário Regional da Presidência em relação à acção já perspectivada pelo Governo na sequência deste estudo. É bom lembrar que temos este estudo em posse há uma ou duas semanas. É, portanto, a altura de planear essas acções e, felizmente, já foram aqui enunciadas algumas iniciativas e medidas que foram recomendações deste estudo.

Numa segunda palavra, quero lamentar a ausência de debate por parte das bancadas da oposição que, em apartes durante a minha intervenção e durante a intervenção do Sr. Secretário manifestaram, no fundo, alguma vontade de intervir ou de comentar o que foi aqui apresentado mas que não o fizeram da forma permitida pelo Regimento, ou seja, inscrevendo-se para debate. É pena que não o tenham feito, teria sido muito mais acertado.

Obrigada.

**Presidente:** Não havendo mais inscrições, tem a palavra, para uma intervenção, o Sr. Deputado João Costa.

**Deputado João Costa (PSD):** Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo Regional:

Começou esta semana a operação marítima de passageiros e viaturas. Uma boa ideia que tem vindo a ser espatifada pela incompetência, pela falta de planeamento básico, pela total insensibilidade, e pela muita arrogância.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Como é do conhecimento geral, a ilha Graciosa tem uma forte ligação económica, não só, mas sobretudo, com a ilha Terceira. Seria pois de esperar que as ligações marítimas entre estas duas ilhas contemplassem essa proximidade, em todas as fases da operação que agora se inicia. Mas não, a programação para o transporte marítimo de passageiros, com saída da Terceira para a Graciosa, é contemplada nos horários até 14 de Junho, com uma única viagem.

Entre 15 de Maio e 14 de Junho, quem quiser fazer uma viagem Terceira/Graciosa por via marítima – pasme-se – sai de véspera, dá a volta ao grupo central indo para S. Jorge, de lá vai para a Horta, daí para o Pico, levando um dia a chegar à Graciosa.

Se era para ser assim, até se podia prescindir da velocidade, dando razão a alguns que dizem que: “mais nó menos nó, isso nada interessa”. Neste caso é “mais dia menos dia!!! Isso nada interessa!!!

**Deputados Cláudio Almeida e Rui Ramos (PSD):** Muito bem! Muito bem!

**O Orador:** É um absurdo!

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Estamos no início da operação para 2009, contudo, ainda não há horários definitivos para a época alta. É de um amadorismo inigualável.

Mas há também outra questão que é de tal forma penalizadora e ridícula, que não se compreende que a mesma se mantenha como regra.

Falo, concretamente, da questão das pernoitas durante uma viagem, por exemplo, entre Ponta Delgada e a Graciosa, mas também podia ser entre a Praia da Vitória e a Graciosa.

Um passageiro que queira viajar, por exemplo, no próximo dia 3 de Junho, de Ponta Delgada para a Graciosa, sai no dia 3 às 14.45 e chega no dia seguinte, dia 4, às 21 horas.

São praticamente dois dias em viagem...

**Deputado Herberto Rosa (PS):** Um cruzeiro nas Caraíbas são sete.

**O Orador:** ...tendo pelo meio de pernoitar nas Velas, onde se é posto fora do navio, a não ser que se pague um camarote.

É inaceitável que esta situação, já denunciada no passado, seja mantida sem qualquer justificação. Não bastava a viagem demorar mais de 30 horas, ainda os passageiros são postos na rua, às 2 da manhã.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Não alterar estas situações, nada fazer para melhorar uma atitude que penaliza ainda mais a imagem e a execução desta operação é manter a incompetência e é lesivo do interesse da região.

Disse.

**Vozes de deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, estão abertas as inscrições.

Tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Avelar.

(\* **Deputado Manuel Avelar (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Junte a sua voz à voz do Sr. Deputado.

**O Orador:** Calma, vamos lá chegar.

**Deputado António Marinho (PSD):** Vai dizer que é bom!

**O Orador:** Não, não digo que é correcto, mas também vivemos da história, é preciso não esquecer isso.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Vai dizer que em 96 não havia.

**O Orador:** Vamos começar por aí.

Até começo por si, Sr. Deputado António Marinho. O senhor, se calhar, também é novo nestas andanças, tal como eu, mas sabe muito bem que o Partido Social Democrata se esqueceu do transporte marítimo dos Açores.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** É tão previsível.

**O Orador:** Colega Rui, é bom lembrar, porque também aqui se faz história. Nesta casa também se faz história.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Vai dizer que em 96 não havia transporte marítimo?

**O Orador:** Não, também já havia transporte, sem dúvida, Sr. Deputado Rui Ramos. Não sei se chegavam ao aeroporto da Lagoa, mas... Ah, não chegavam à Lagoa, pronto.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Não, não. É preciso conhecer melhor a Região. Mas quando quiser lá ir, tenho todo o gosto.

**O Orador:** Muito bem, muito bem. Com todo o gosto.

Mas vamos ao transporte marítimo de passageiros.

Nós sabemos que este horário não é o adequado. Aliás, este horário é um horário transitório. O Sr. Deputado João Costa sabe que é um horário para um período muito curto. Os horários que estavam na internet desapareceram.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Não desapareceram. Foram retirados!

**O Orador:** O senhor está a entender. Deixe-se de brincar com coisas sérias, para que as coisas corram sempre sérias. Sejamos sérios em coisas sérias.

O senhor sabe que os horários que estavam na internet eram provisórios e de lá desapareceram, e ainda bem que desapareceram.

*(Risos de deputados da bancada do PSD)*

Ainda bem que desapareceram, porque se não eram os adequados têm de ser reformulados, sem dúvida! Esta é a verdade e a verdade deve ser dita e transparente.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Muito se aprende nesta Assembleia.

**O Orador:** Quando tivermos os horários para as épocas média-alta e alta, teremos horários mais adequados, porque precisamos de melhores ligações.

Estamos de acordo que, para o passageiro que sai de Ponta Delgada num navio, que tem de fazer transferência na Terceira e não saiu uma hora mais cedo, tem de haver a ligação entre os dois navios, para que o passageiro da Graciosa chegue à Graciosa nesse dia. Nisso estamos de acordo.

**Deputado João Costa (PSD):** O senhor está a falar de cor.

**O Orador:** O senhor sabe... Não, o senhor não sabe, porque o senhor não andou no *Ponta Delgada*. O senhor não sabe recuar no tempo, desculpe-me que lho diga.

Não vamos andar muito para trás, nem é preciso.

**Deputado João Costa (PSD):** Está enganado, andei no *Ponta Delgada*.

**O Orador:** Depois do *Ponta Delgada* é que desapareceram. Foi o PSD que fez desaparecer o transporte marítimo.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Ah! Fez desaparecer!

**O Orador:** Foi sim senhor! Sem dúvida!

Sr. Deputado Rui Ramos, não sabia disso porque não precisava de usar o transporte marítimo.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Há quem faça desaparecer outras coisas!

**O Orador:** Se o senhor tem essa capacidade, muito bem.

Nós esperamos, quando saírem novos horários, ter melhores serviços, porque a Graciosa faz parte do Grupo Central e a ligação para os passageiros de e para a Graciosa precisa de estar devidamente acautelada.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado João Costa.

(\*) **Deputado João Costa (PSD):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Quando o Sr. Deputado Avelar Santos se manifesta nesta casa, eu tenho sempre uma esperança de que saia alguma coisa de útil para o debate, mas, infelizmente, o senhor não consegue trazer nada de útil para o debate.

O senhor não é capaz de criticar ou de defender aquilo que é básico numa operação marítima de passageiros, para alguém que queira viajar entre o Grupo Oriental e o Grupo Central, que é não ter de passar uma noite fora do barco, ser posto na rua do barco. É com isso que eu acho que o senhor se devia preocupar.

**Deputado Manuel Avelar (PS):** Fale das ligações marítimas!

**O Orador:** Há pessoas, por exemplo ali o Sr. Deputado Alexandre Pascoal, que se calhar gostariam de fazer uma viagem entre Ponta Delgada e a Graciosa e não serem postas fora do barco a meio da viagem.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** O Sr. Deputado não vai ser posto na rua! Compra camarote!

**O Orador:** Era importante que os senhores se preocupassem com esta situação, que não é aceitável.

Não é aceitável que um passageiro compre um bilhete de viagem de Ponta Delgada para a Ilha Graciosa e, a meio da viagem, seja posto na rua às duas da manhã, ou à uma e tal da manhã, e fique em cima do cais à espera que o barco saia no dia seguinte. Em alternativa paga mais 40€, compra um camarote e aí já pode ficar dentro do barco. O critério é ter dinheiro para pagar um camarote.

Isto é inaceitável, isto não serve os interesses desta operação.

**Deputado Herberto Rosa (PS):** Isso é em todo o lado, Sr. Deputado.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Não é em todo o lado!

**Deputado Manuel Avelar (PS):** O senhor não andou no *Ponta Delgada*, com certeza.

**O Orador:** O senhor está enganado. Efectivamente, eu andei no *Ponta Delgada*.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Balançava um bocadinho.

**O Orador:** Se calhar, andei mais vezes do que o senhor imagina.

Até tenho os horários do *Ponta Delgada*, se quiser depois dou-lhe uma cópia. Eram melhores os horários do *Ponta Delgada* do que são actualmente os horários do *Expresso Santorini*. Eram melhores, serviam melhor as ilhas por onde o *Ponta Delgada* passava.

Espero, sinceramente, que o Sr. Secretário da Presidência possa transmitir isto ao Sr. Secretário da Economia.

Espero que a *Atlânticoline* altere esta política de pernoitas. “Nos portos onde o navio pernoita”, isto está escrito no *site* da *Atlânticoline*, é a regra, “as dormidas a bordo só são permitidas em camarotes aos passageiros com ligações para o dia seguinte. As pernoitas deverão ser reservadas no momento da aquisição do seu bilhete”. Eu espero, sinceramente – e foi principalmente por isso que fiz esta intervenção, também pela melhoria dos horários mas principalmente por isto – que tenham oportunidade de, uma vez por todas, alterar esta regra, que não faz qualquer sentido.

Muito obrigado.

**Vozes de deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Avelar.

**(\*) Deputado Manuel Avelar (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Vamos falar de horários, sem dúvida nenhuma. Estes pequenos pormenores têm de ser ajustados, não tenha dúvida.

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Diga isso à sua bancada!

**O Orador:** Eu estou a explicar ao Sr. Deputado João Costa, agora ilustre graciosense.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Foste promovido.

**O Orador:** Já tem cidadania, porque já lá está há alguns anos. Até chegou a andar de *Ponta Delgada* e ainda bem.

Esqueceu-se é que, depois de o *Ponta Delgada* desaparecer, ficámos sem nada. Foi preciso um Governo do PS para voltarmos ao transporte marítimo. É preciso não esquecer isso, Sr. Deputado Rui Ramos.

**Deputado Mark Marques (PSD):** E compraram o *Cruzeiro das Ilhas*.

**O Orador:** Esse hiato de tempo não o podemos esquecer. O Sr. Deputado Rui Ramos sabe muito bem isso, sabe que tivemos um hiato de tempo sem transportes marítimos.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** É preciso perceber as razões. Nessa altura as pessoas preferiam as ligações aéreas.

**O Orador:** Os senhores hão-de explicar, porque o vosso partido é que foi o responsável, já que estava no Governo.

O que esperamos é que, em breve, a responsabilidade da empresa de transportes marítimos tenha em conta estes pormenores, para servir melhor os graciosenses e todos os açorianos em geral.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** O passado não resolve o problema.

**O Orador:** Pois, mas é bom falarmos da história, para se saber.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado João Costa.

**(\*) Deputado João Costa (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado, eu escusava de vir para aqui lembrá-lo do acidente do *Ilha Azul*, lembrá-lo dos péssimos horários que a Graciosa tem tido, lembrá-lo daquilo que tem sido o afundar permanente desta operação marítima de passageiros em relação a

prestar serviços ao Grupo Central, principalmente à Ilha Graciosa, ilha que, ainda agora, na viagem inaugural, voltou a ser esquecida.

Passou ao largo o navio. Felizmente que precisa de apanhar passageiros para levar para a festa de Santo Cristo e, por isso, passa na Graciosa porque depois, até ao dia 14 de Junho, passa uma vez por semana na Graciosa. Uma vez por semana! E sempre no sentido São Roque/Graciosa/Praia da Vitória. Isto não serve a Graciosa.

Se eu fosse lembrar-lhe todas as peripécias desta operação marítima de passageiros, se calhar o senhor tinha mais cuidado em fazer essas referências de que está tudo uma maravilha e de que isto nunca esteve tão cor-de-rosa!

*(Risos de deputados da bancada do PSD)*

O senhor, se perdesse um pouco essa postura e esse vício terrível de dizer sempre *Ámen* a tudo aquilo que este Governo faz...

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** ...e se tivesse um pouco de espírito crítico, tomava a crítica para levantar os problemas que realmente a Graciosa precisava que um deputado sentado nessa bancada levantasse. Infelizmente, não há ninguém que levante esses problemas.

Eu desafiava-o, realmente, a ter essa atitude e a pelo menos uma vez subir àquela tribuna para defender a Ilha Graciosa.

Muito obrigado.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

**(\*) Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em relação às questões que aqui foram levantadas, especificamente em relação à Ilha Graciosa, mas também, depois, numa abrangência muito maior sobre o transporte marítimo, quero dizer que, de facto, estranhei o silêncio por parte do Sr. Secretário da Presidência.

O Governo não tem nada a dizer sobre o transporte marítimo? Não tem opinião?



O Sr. Secretário da Presidência, há pouco, estava preparadíssimo para intervir no âmbito da intervenção da Sra. Deputada Piedade Lalanda. Agora, sobre os transportes marítimos, estranho que o senhor não tenha nada a dizer. O Governo não tem nada a dizer.

Nesse sentido, quero aqui expressar de forma veemente a minha condenação a este silêncio, que diz muito em relação à política do Governo na área dos transportes marítimos.

Disse.

**Vozes de deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Um naufrágio!

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, não havendo mais inscrições no debate e aproximando-nos do meio-dia, a hora a que combinámos, em Conferência de Líderes, terminar o PTAP, vamos fazer um intervalo de 20 minutos. Retomamos os nossos trabalhos com o POD. Até já.

*(Eram 11 horas e 55 minutos)*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, agradecia que reocupassem os vossos lugares, para reiniciarmos os nossos trabalhos.

*(Eram 12 horas e 30 minutos)*

Vamos passar à Agenda, com a continuação da discussão do **Projecto de Decreto Legislativo Regional – “Adaptação à Região da Lei N.º 92/95, de 12 de Setembro, alterada pela Lei n.º 19/2002, de 31 de Julho”**.

Ontem, quando terminámos os nossos trabalhos, não havia inscrições no debate. Eu gostava de saber se há mais inscrições, para passarmos ao ponto seguinte.

O Sr. Deputado Paulo Estêvão pede a palavra para?

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, peço a palavra para fazer uma intervenção final sobre esta questão.

**Presidente:** Pode ser para prestar esclarecimentos, Sr. Deputado. Tem três minutos.

**(\*) Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu quero deixar bem explícita a minha posição sobre esta questão porque, em relação a este assunto, eu tive sempre duas preocupações fundamentais.

Não tencionava inscrever-me hoje, mas acabo por fazer esta intervenção na medida em que, como aqui foi referido ontem, recebi várias mensagens no meu correio electrónico a, pura e simplesmente, insultar-me. Queria deixar aqui esta condenação em relação às pessoas que estão a fazer este tipo de coisas.

Em primeiro lugar, há um valor fundamental: o valor da liberdade e da liberdade de escolha. O direito de as pessoas votarem da forma que acham mais correcta, respeitando as suas convicções. Isto tem de ser respeitado por todos, quer por aqueles que estão a favor, quer por aqueles que estão contra.

Em segundo lugar, é fundamental respeitar os mecanismos democráticos.

Nós, como deputados, temos obviamente direito às nossas convicções e a ser respeitados em relação às opções que assumimos publicamente, que assumimos aqui no nosso Parlamento e, também, nos actos políticos que o antecederam.

Por último, quero ainda dizer, sobre este assunto, que o debate que aqui foi realizado foi realizado com respeito pelos diversos deputados em relação às posições uns dos outros. Essa posição de respeito em relação às posições uns dos outros, que aqui foi mantida no Parlamento, é de aplaudir, mas lamento que algumas pessoas, alguns movimentos, fora deste Parlamento, tenham ideias fundamentalistas, não respeitem as posições de cada um, estabeleçam aqui uma condenação e entrem no caminho do insulto. Isso é lamentável.

É fundamental fazer esta observação, no sentido de se realmente reforçar os mecanismos da democracia e do respeito pela opinião de cada um.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** O Sr. Deputado Artur Lima pede a palavra para?

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, nos termos regimentais solicito um intervalo de 30 minutos.

**Presidente:** É regimental, está concedido.

Sras. e Srs. Deputados, atendendo à hora, só podemos voltar às 15 horas. Terminamos os nossos trabalhos da manhã. Bom almoço e até logo.

*(Eram 12 horas e 35 minutos)*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, muito boa tarde.

Peço o favor de reocuparem os vossos lugares, para podermos reiniciar os nossos trabalhos.

*(Eram 15 horas e 5 minutos)*

Sras. e Srs. Deputados, estivemos a debater, na generalidade, o diploma n.º 1 da nossa ordem de trabalhos de hoje, n.º 3 da ordem de trabalhos de ontem.

Creio que o debate está feito e, assim sendo, é altura de atentarmos em dois requerimentos que ontem deram entrada na Mesa e que eu mandei distribuir por todas as Sras. e Srs. Deputados. Esta é a altura de serem considerados.

Por ordem cronológica, deu entrada um requerimento subscrito por um grupo de deputados, relativo à **Votação do Projecto de Decreto Legislativo Regional 9/2009 – “Adaptação à Região da Lei N.º 92/95, de 12 de Setembro, alterada pela Lei n.º 19/2002, de 31 de Julho”** que, em termos simples, requer que a votação deste diploma, quer na generalidade quer numa eventual votação final global, seja realizada pela forma nominal, que é uma das três formas de votação previstas no nosso Regimento, concretamente no seu artigo 98.º.

Deu seguidamente entrada um requerimento do Bloco de Esquerda que, ao abrigo do artigo 134.º do Regimento e pelas razões e com os considerandos nele constantes e que Vs. Exas. tiveram oportunidade de ler, requer a baixa à comissão competente deste diploma, designadamente para que sejam feitas mais algumas diligências a respeito da história e de factos considerados relevantes para a boa e esclarecida votação do mesmo.

Eu devia fazer uma votação cronológica dos requerimentos, por ordem de entrada, mas penso que, neste caso, a lógica obriga a outra coisa, porque, efectivamente, se votarmos a baixa do diploma à comissão não faz sentido, para já, preocuparmo-nos com a forma de votação. Portanto, vou pôr à votação em primeiro lugar o requerimento do Bloco de Esquerda, no sentido de esta iniciativa legislativa baixar novamente à Comissão dos Assuntos Sociais.

Também de acordo com o artigo 87.º, n.º 2, do nosso Regimento, admitidos os requerimentos estes são imediatamente votados pela ordem da sua apresentação – neste caso não será pela ordem da sua apresentação – sem discussão nem declarações de voto orais.

Sras. e Srs. Deputados, vou de imediato colocar à votação o requerimento apresentado pelo Bloco de Esquerda, de baixa à comissão competente desta iniciativa legislativa.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como se encontram.

As Sras. e os Srs. Deputados que discordam façam o favor de se sentar.

A Sra. e os Srs. Deputados que se abstêm façam o favor de se sentar.

**Secretário:** O Requerimento de baixa à comissão foi rejeitado, com 29 votos contra do PS, 1 voto contra do PCP, 2 votos a favor do BE, 18 abstenções do PSD, 5 abstenções do CDS/PP e 1 abstenção do PPM.

**Presidente:** Relativamente ao requerimento, com cerca de 30 subscritores, para que se proceda à votação nominal, gostava apenas de colocar ou de esclarecer uma dúvida que tenho.

Confesso que ando aqui há cerca de 11 anos mas não me lembro, embora seja perfeitamente regimental, de ter assistido ou de ter participado numa votação nominal. Creio que ela pode eventualmente ser entendida de duas formas: ou uma forma tipo chamada, em que, um a um, os Srs. Deputados declaram o seu sentido de voto; ou uma outra, em que as Sras. e os Srs. Deputados, independentemente de votarem por levantados e sentados, aquando do anúncio dessa votação ele é feito tendo em conta o número de deputados, os Grupos Parlamentares, a que naturalmente não deixam de pertencer, e os respectivos nomes.

Não sei se o Sr. Deputado Hernâni Jorge, como um dos primeiros subscritores deste requerimento, nos pode esclarecer qual é a vontade dos mesmos.

**(\*) Deputado Hernâni Jorge (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O que é relevante numa votação nominal é que seja feita uma identificação dos votantes e do seu sentido de voto. Isso é que efectivamente importa.

Não vemos nenhum mal, enquanto proponentes do requerimento, que a votação seja feita da forma de sentados e levantados, sendo naturalmente o anúncio feito identificando os votantes e o respectivo sentido de voto, que é isso que releva numa votação nominal.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Fica esclarecida a vontade dos subscritores, o que pretendem relativamente à forma concreta de votação nominal. É exactamente com esse sentido que vamos votar este requerimento e passo de imediato a pô-lo à votação.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam com o teor do requerimento façam o favor de se manter como se encontram.

**Secretário:** O Requerimento apresentado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** O Sr. Deputado Paulo Estêvão pede a palavra para?

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Para solicitar um intervalo regimental de 15 minutos, Sr. Presidente, na expectativa de que chegue um dos subscritores da proposta que será colocada à votação e cuja presença é absolutamente decisiva.

Muito obrigado.

**Presidente:** O Sr. Deputado Hernâni Jorge pede a palavra para?

**Deputado Hernâni Jorge (PS):** Para uma interpelação à Mesa, Sr. Presidente.

**Presidente:** Tem a palavra, faça o favor.

**(\*) Deputado Hernâni Jorge (PS):** Sr. Presidente, entrámos já no período de votações, creio que o requerimento do Sr. Deputado Paulo Estêvão tem de ser indeferido.

**Presidente:** Sr. Deputado, nós íamos exactamente entrar no período da votação. Primeiro, no fim do debate na generalidade, tive de colocar à votação estes dois

requerimentos, que foi o que acabámos de votar. O Sr. Deputado pediu 15 minutos de intervalo, é o máximo que efectivamente pode pedir. É regimental.

O que eu diria às Sras. e Srs. Deputados é que, em primeiro lugar, não é necessário e é dispensável apresentar justificação, já que se trata de um direito absolutamente livre dos Grupos e Representações Parlamentares para, dentro daquilo que consagra o Regimento, pedirem intervalos. Em segundo lugar, considerando que hoje, por razões certamente legítimas e regimentais, este direito tem sido muito usado, deixava aqui um apelo para que as Sras. e Srs. Deputados tivessem em conta a dignidade do nosso Parlamento, para ver se esta reunião não é muito acidentada.

O intervalo é regimental e está concedido. Regressamos dentro de 15 minutos.

*(Eram 15 horas e 15 minutos)*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, agradecia que ocupassem os vossos lugares, para retomarmos os nossos trabalhos.

*(Eram 15 horas e 32 minutos)*

Sras. e Srs. Deputados, vamos proceder à votação na generalidade deste diploma, nos exactos termos em que há pouco votámos, na sequência de um requerimento para que a votação fosse nominal e com o entendimento que foi expresso pelo subscritor Hernâni Jorge.

Peço-vos também mais alguma paciência, porque vão ter, para ajudar a Mesa, de ficar de pé durante mais algum tempo.

Vou colocar o diploma à votação:

Peço às Sras. e aos Srs. Deputados que votam a favor do diploma que façam o favor de se levantar.

Muito obrigado, podem sentar-se.

Peço agora às Sras. e aos Srs. Deputados que votam contra o favor de se levantarem.

Muito obrigado, podem sentar-se.

Peço agora às Sras. e aos Srs. Deputados que se abstêm o favor de se levantarem.

Podem sentar-se, muito obrigado.

Sras. e Srs. Deputados, a Mesa vai anunciar o resultado da votação. Sr. Secretário, faça o favor.

**Secretário:** O Projecto de Decreto Legislativo Regional, na generalidade, foi rejeitado, com 28 votos contra, 26 votos a favor e 2 abstenções.

A favor, votaram:

Do Grupo Parlamentar do Partido Socialista, António Parreira, Berto Messias, Cláudia Cardoso, Domingos Cunha, Francisco Coelho, José Ávila, José Lima, José San-Bento e Manuel Avelar, num total de 9 votos;

Do Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata, António Gonçalves, António Marinho, António Ventura, Carla Bretão, Cláudio Almeida, Cláudio Lopes, Clélio Meneses, Jaime Jorge, João Costa, José Bolieiro, Luís Garcia, Mark Marques e Pedro Gomes, num total de 13 votos;

Do Grupo Parlamentar do CDS/PP, Artur Lima, Luís Silveira e Pedro Medina, num total de 3 votos;

Da Representação Parlamentar do PPM, Paulo Estêvão, perfazendo um voto.

Votaram contra:

Do Grupo Parlamentar do Partido Socialista, Alexandre Pascoal, Alzira Silva, Bárbara Chaves, Carlos Mendonça, Catarina Furtado, Duarte Moreira, Francisco César, Graça Teixeira, Helder Silva, Hernâni Jorge, Isabel Rodrigues, José do Rego, Lizuarte Machado, Luís Paulo Alves, Manuel Herberto Rosa, Manuel Silveira, Nélia Amaral, Piedade Lalanda, Ricardo Cabral e Rogério Veiros, num total de 20 votos;

Do Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata, Aida Santos, António Pedro Costa, Jorge Costa Pereira, Jorge Macedo, Rui Ramos, num total de 5 votos;

Do Grupo Parlamentar do Bloco de Esquerda, José Cascalho e Zuraida Soares, num total de 2 votos;

Da Representação Parlamentar do PCP, Aníbal Pires, perfazendo um voto.

Abstiveram-se:

Do Grupo Parlamentar do CDS/PP, Abel Moreira e Paulo Rosa, num total de 2 votos.

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, aproveito para informar que foi combinado em Conferência de Líderes que, atendendo ao facto de os três maiores grupos

parlamentares não terem uma orientação definida e terem dado liberdade de voto, qualquer Sra. e Sr. Deputado pode apresentar, querendo, a sua declaração de voto, mas deverá fazê-lo por escrito. Ela será, naturalmente, considerada e apensa ao Diário da Sessão.

Vamos passar ao ponto seguinte da nossa agenda, **Pedido de Urgência e dispensa de exame em Comissão do Projecto de Resolução – “Atribuição de Insígnias Honoríficas Açorianas”**, apresentado pelos Líderes Parlamentares.

Estão abertas as inscrições no debate.

Penso que a razão da urgência é facilmente reconhecida, o Dia da Região será comemorado no próximo dia 31 em Toronto.

Sras. e Srs. Deputados, não havendo inscrições, coloco à votação o Pedido de Urgência e dispensa de exame em Comissão, apresentado por todos os Líderes Parlamentares.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como se encontram.

**Secretário:** O Pedido de Urgência foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Passamos então ao respectivo **Projecto de Resolução, “Atribuição de Insígnias Honoríficas Açorianas”**, apresentado pelo Presidente da ALRAA e por todos os Líderes Parlamentares.

Estão abertas as inscrições no debate. Não havendo inscrições, ponho de imediato à votação o Projecto de Resolução “Insígnias Honoríficas Açorianas”.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como se encontram.

**Secretário:** O Projecto de Resolução foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Passamos ao ponto seguinte da nossa ordem de trabalhos, **Projecto de Resolução – “Resolve recomendar ao Governo Regional dos Açores que promova as iniciativas de sua competência para que se efective a extensão do anel de fibra óptica às Ilhas do Grupo Ocidental”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do CDS/ PP.

Dou a palavra ao Sr. Deputado Paulo Rosa para apresentar o diploma.



**(\*) Deputado Paulo Rosa (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Uma breve apresentação, apenas para reiterar o que já disse em sede de Comissão, que a extensão do anel de fibra óptica ao Grupo Ocidental é, quanto a nós, um desígnio regional prioritário, no âmbito do fomento da coesão, da redução das assimetrias e na senda de uma modernidade que tem sido sistematicamente negada aos florentinos e aos corvinos.

De facto, a distância que separa aquelas duas ilhas do restante arquipélago só pode ser atenuada por duas vias: com melhores acessibilidades e com comunicações, telecomunicações neste caso, dignas do século XXI. Essas telecomunicações dignas do século XXI são um imperativo para assegurar melhores oportunidades para os cidadãos residentes no Grupo Ocidental e, também, uma maior competitividade das empresas sediadas nessas duas ilhas.

Tendo essas duas ilhas sido excluídas do anel de fibra óptica na sua fase inicial, por um governo da responsabilidade do PSD, o facto é que mais de 12 anos de governação PS não inverteram essa injustiça e essa situação. Obviamente que, não podendo branquear o passado, queremos falar do futuro.

Falando do futuro, o Sr. Primeiro-Ministro anunciou há poucos meses, na República, arquipelágica também, de Cabo Verde a extensão do anel de fibra óptica a essa república a expensas do Estado português e fê-lo com pompa, circunstância e gravidade de Estado. Nós obviamente não temos nada a opor a que isso assim seja, somos a favor da solidariedade do Estado para com outros países, nomeadamente os de língua e expressão portuguesa. Mas a solidariedade, sendo um desígnio externo, deve ser praticada também, primeiro, dentro de portas.

Nesse âmbito, os florentinos e corvinos, que são contribuintes deste Estado, merecem pelo menos um tratamento igual. É que os florentinos e os corvinos estão fartos de intenções permanentemente adiadas. Querem realizações, querem evidências, querem poder dizer que *www* deixa de significar *wait wait wait*.

Muito obrigado.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Muito bem!

**Presidente:** Para uma primeira intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado António Gonçalves.

**(\*) Deputado António Gonçalves (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

A posição do PSD é de apoio à iniciativa do PP, por considerar que é mais um contributo político nesta matéria, não só de extrema importância para a Ilha das Flores e para o Grupo Ocidental como, também, de extrema importância para o todo regional. As ilhas dos Açores só serão desenvolvidas completamente quando nas Flores e no Corvo houver a capacidade de comunicações por excelência, um direito que os florentinos e os corvinos também têm.

É, portanto, mais um contributo que irá ser prestado nesta matéria, para além dos outros que têm sido, com certeza, já trazidos a esta casa por vários partidos mas, nomeadamente, também pelo PSD. Esta tem sido uma preocupação do PSD, nomeadamente, como é óbvio, através da sua representação da Ilha das Flores, através de requerimentos, intervenções e, simbolicamente, ainda há pouco tempo, de uma proposta de alteração que foi apresentada ao Plano e Orçamento para este ano.

O cabo de fibra óptica vem trazer, efectivamente, para além da qualidade nas comunicações, mais concorrência e, conseqüentemente, preços mais baixos, o que significa melhores serviços e maior capacidade empresarial para a Ilha das Flores, através de novos serviços.

Espera-se que este assunto mereça, por parte do PS da Região, a mesma solidariedade com as ilhas de coesão que o Governo da República teve para com o arquipélago de Cabo Verde. É esta solidariedade que exigimos e esperamos, também, do Partido Socialista nesta Região.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Para uma primeira intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Herberto Rosa.

**(\*) Deputado Manuel Herberto Rosa (PS):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

A extensão do cabo de fibra óptica às Ilhas das Flores e do Corvo é uma questão que está pendente desde 1996, quando foi implementado o anel de fibra óptica nos

Açores. Foi decidido então que a ligação às ilhas do Grupo Ocidental seria feita através do sistema de transmissão por satélite.

Ao longo deste tempo, foram várias as intervenções nesta casa, e por diversas formas, relativamente a este assunto. Este assunto foi trazido em tempos à tribuna pelo Sr. Deputado Paulo Valadão; também já foi trazido à tribuna pelo Sr. Deputado António Maria Gonçalves, recentemente.

Eu próprio, em 28 de Janeiro de 97, perante a confirmação de que a chegada do cabo de fibra óptica às ilhas do Grupo Ocidental não se ia verificar, dizia, e vou citar, “Tanto quanto sabemos, esta solução vai implicar menor velocidade e pior qualidade nas comunicações, devido às frequências utilizadas e ao número de canais disponíveis, havendo também que contar com o que se designa por *delay*, ou eco de satélite. E mesmo a alegada vantagem em termos de custos, que é sem dúvida um dado a ter em conta, também suscita algumas dúvidas, dada a grande diferença de tempo de vida útil previsto para cada um dos sistemas”. Ter razão é bom, ter razão antes de tempo, às vezes, enfim, tem as consequências que nós sabemos.

Mas o que é facto é que não tendo o PS, nem o seu Governo, digamos, um “*pecado original*” nesta matéria, o Partido Socialista, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista e o Governo Regional do Partido Socialista, desde então, desde que em 96 assumiram funções governativas na Região e até hoje, têm-se empenhado fortemente na resolução desta questão. Assumindo, obviamente, estas dificuldades e estas deficiências que hoje se agravam, porque com o crescimento exponencial da utilização destas novas tecnologias para a aplicação generalizada leva a que existam hoje constrangimentos em termos de largura de banda que diminuem, obviamente, a velocidade e que não se compadecem com as necessidades.

O Governo Regional, nomeadamente através da respectiva tutela, tem-se empenhado fortemente na resolução deste problema. Tem-se empenhado, com resultados. Os resultados são ter o Partido Socialista assumido que nesta Legislatura o problema será resolvido e que a sua intervenção será sempre decisiva para a resolução do problema, sendo no entanto também verdade que a responsabilidade última pela resolução desta questão compete à empresa concessionária das telecomunicações. Foram feitas diligências, contactos, pressões e hoje nós sabemos que as coisas estão em bom

andamento. A PT assumiu a responsabilidade no resolver desta questão e, tanto quanto nós sabemos, está a resolver a questão.

Poderíamos assim dizer, enfim, que esta iniciativa, de alguma forma, “*cavalga*” a oportunidade e vem “*apanhar o comboio em andamento*”. Poderíamos dizer isso. Mas também devemos ter em conta, como aliás consta do parecer do Conselho de Ilha das Flores relativamente a esta iniciativa, que todos os esforços que se possam fazer para resolver esta situação nunca serão demasiados, atendendo à sua importância.

Assim, sopesando, por um lado, aquilo que tem sido feito e, por outro lado, que todos os contributos são válidos e importantes, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista não vai inviabilizar esta iniciativa, sendo que, por um conjunto de circunstâncias e até por, enfim, ter algumas dúvidas sobre as reais razões da oportunidade, vai viabilizá-la através da abstenção.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra, para uma intervenção, o Sr. Deputado Aníbal Pires.

**(\*) Deputado Aníbal Pires (PCP):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Quero começar por afirmar que a Representação Parlamentar do PCP irá dar apoio a esta pretensão do CDS/PP. No entanto, gostaria de tecer aqui algumas considerações. Damos o apoio, considerando que é uma redundância, uma vez que, se até à altura em que foi aprovado aqui o Programa deste Governo, o Governo em funções, havia algumas dúvidas sobre a questão da extensão do anel de fibra óptica às ilhas do Grupo Ocidental, a partir daí desfizeram-se as dúvidas. Essa questão foi aqui colocada claramente ao Sr. Presidente do Governo Regional, aliás até por interpelação da Representação Parlamentar do PCP, e ele garantiu aqui, nesta casa e perante os representantes do povo açoriano, que isso iria ser realizado. As dúvidas desfizeram-se nessa altura.

Durante todo este tempo, aliás como o Deputado Manuel Herberto Rosa referiu, foi trazida aqui, nomeadamente pela voz do PCP, a questão da necessidade de manter todas as nossas ilhas com as mesmas possibilidades e os mesmos ritmos de

desenvolvimento. Portanto, vamos de facto apoiar esta proposta, mesmo considerando que ela é, efectivamente, uma redundância.

Por outro lado, gostaria de comentar o seguinte: acho que é abusivo estabelecer um paralelismo entre a Região Autónoma dos Açores e Cabo Verde, uma vez que as questões se colocam claramente em planos diferentes. Em relação a Cabo Verde, trata-se de opções da política externa portuguesa relativamente ao apoio aos países em desenvolvimento, apoio que se verifica com muita intensidade no quadro dos países da CPLP, do qual Cabo Verde faz parte. Por outro lado...

*(Aparte inaudível do Deputado José Manuel Bolieiro)*

**O Orador:** Pois, mas parece-me abusivo, Sr. Deputado. Parece-me abusivo e, até, com características, digamos, eivadas de algum xenofobismo. Mas com isso passaríamos para outra questão, porque isso é outra discussão, Sr. Deputado.

**Deputado António Gonçalves (PSD):** Paciência, Sr. Deputado, os comunistas das Flores vão ficar tristes consigo.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Essa sua justificação pareceu-me mal.

**O Orador:** Ah, pareceu mal?

Pois, mas a verdade é que ela está lá e o paralelismo foi estabelecido. Se num caso é claramente uma questão de opção da política externa nacional, no caso da Região Autónoma dos Açores é uma exigência. Portanto, estabelecer este tipo de paralelismo parece-me perfeitamente fora de contexto e, sobretudo, profundamente errado, porque relativamente à Região Autónoma dos Açores não é uma questão de solidariedade, é uma questão de direito, é uma questão de exigência do povo açoriano, para satisfazer uma necessidade, porque é uma necessidade, não é um luxo. Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

**(\* Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar, gostaria de felicitar o Sr. Deputado Paulo Rosa, por ter trazido esta questão ao nosso Parlamento.

Em segundo lugar, em termos da sua necessidade, do seu interesse para as ilhas do Grupo Ocidental, para as Flores e para o Corvo, é evidente que temos estado em situações de desigualdade nestes últimos anos em que não tivemos a oportunidade de contar com a extensão do anel de fibra óptica.

Também é evidente – e não vou perder muito tempo com o passado – que esta iniciativa constava do programa eleitoral do Partido Socialista da legislatura anterior. Por diversos factores que o Sr. Secretário José Contente teve a oportunidade de explicar, não foi realizada.

O que releva neste momento é o empenho que o Governo demonstrou em relação à resolução desta questão. O Sr. Secretário responsável por esta iniciativa também explicou pormenorizadamente a estratégia que está a ser seguida pela Região em relação a este assunto. Tive a oportunidade de dizer, na Comissão, que concordava com o que está a ser feito.

Agora, resta esperar que as diversas instituições responsáveis cumpram, de facto, com as suas obrigações e que o Governo Regional garanta essa mesma execução.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Ciência, Tecnologia e Equipamentos.

**(\*) Secretário Regional da Ciência, Tecnologia e Equipamentos (José Contente):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em nome do Governo, queria dizer algumas coisas para além do que foi já afirmado em sede de comissão.

Em primeiro lugar e de um modo genérico, como já tinha sido dito na altura, o Governo Regional não vê nenhum mal neste tipo de resolução que, aliás, vai na esteira daquilo que nós temos feito ao longo do tempo. Nós todos conhecemos a história deste processo, não só no acto da assinatura e das responsabilidades de quem o accionou, como dos sucessivos Governos da República, que tiveram um entendimento tutelar sobre a PT, de considerarem mais ou menos relevante este investimento.

O certo é que o Governo nunca desistiu, no âmbito das suas competências e atribuições, de pressionar os sucessivos Governos da República e a PT e também – estamos em condições de dizê-lo, para além do que afirmava na comissão – que esse esforço teve interesse, serviu, porque nós temos já um calendário, que nos foi fornecido pela PT, e que não só nos dá garantias de que o processo está em curso, como nós sabíamos, como também nos dá alguns *timings* para o próximo futuro.

Assim, já foi feita a elaboração e especificação técnica detalhada dos vários cenários que serão implementados. Isso foi realizado e foi concluído. O lançamento da consulta internacional a empresas de reconhecida capacidade técnica para o fornecimento e implementação do projecto também já foi realizado e concluído. A discussão com os diferentes concorrentes do detalhe ou do pormenor dos cenários possíveis dos requisitos envolvidos está em curso e, de acordo com a PT, vai ser concluído no segundo trimestre de 2009, ou seja, já agora em Junho. Em função desses cenários e requisitos, vai ser feita depois a avaliação e negociação das condições comerciais no terceiro trimestre de 2009. Depois, serão avaliados os meios financeiros e as condições de implementação do projecto e financiamento das infra-estruturas terrestres e submarinas, neste caso já no terceiro trimestre de 2009. A adjudicação aos concorrentes, ou ao consórcio vencedor, fica assim prevista para o terceiro ou quarto trimestre de 2009. A realização, projecto de implementação e fornecimento de instalação fica entre o quarto trimestre de 2009 e o final de 2010. Ou seja, a PT, de um modo muito claro, respondeu ao Governo Regional circunstanciadamente, como eu acabei agora de indicar.

Deixo esta informação em primeiro lugar à câmara, para termos todos a certeza de um calendário de compromissos. Alguns destes compromissos, como se vê, já estão concluídos e realizados, e permitem-nos uma esperança e confiança fundada num projecto estruturante, para as telecomunicações nos Açores e, também, para o desenvolvimento em outros moldes do Grupo Ocidental e do usufruto dos cidadãos das Flores e do Corvo das novas tecnologias de informação e comunicação, baseadas na utilização do cabo de fibra óptica que, nessa altura, ficará a ligar todas as ilhas dos Açores.

Por isso, mais uma vez, o Governo assumiu-se como garante de mais um investimento da responsabilidade de uma empresa tutelada pelo Governo da República e nunca desistiu, ao longo destes anos, independentemente dos sucessivos Governos da República e dos vários entendimentos das diversas administrações da PT, de chegar a esta situação que nos parece francamente positiva e com calendários já apontados que correspondem a compromissos reais e concretos. Eu penso que é nesta lógica que temos de trabalhar.

Assim, é também com esta confiança e com o resultado deste esforço que nós, com satisfação, deixamos esta informação à Assembleia Legislativa Regional.

**Presidente:** Para uma segunda intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Rosa.

**(\*) Deputado Paulo Rosa (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Obviamente que na minha primeira intervenção faltou-me fazer o reconhecimento da justiça do trabalho que os vários deputados, particularmente os eleitos pela Ilha das Flores nas últimas legislaturas, entre os quais dois aqui presentes, têm feito nesta matéria, quer através de requerimentos, quer nas intervenções que proferiram, e reconhecer também o trabalho e confiar no empenho do Governo nesta matéria, ainda para mais com o calendário que o Sr. Secretário acabou de nos anunciar. Em última análise, obviamente que não queremos infoexcluídos à força nas Flores e no Corvo. Só os infoexcluídos por opção.

Quanto à metáfora do comboio, utilizada pelo Sr. Deputado Manuel Herberto Rosa, gostaria de dizer o seguinte:

Sr. Deputado Manuel Herberto Rosa, aquando da apresentação deste Projecto de Resolução, nós não sabíamos em que estação é que ele estava. A verdade é essa. O que nos interessa verdadeiramente e o que interessa aos florentinos e aos corvinos é que o comboio chegue ao fim da linha, é esse o objectivo. Tudo o resto é puramente demagógico.

Sr. Deputado Aníbal Pires, dois ou três pontos:



Quanto às garantias que anunciou aqui, garantias já foram dadas muitas vezes ao longo dos últimos tempos. As garantias, só, obviamente não chegam, é preciso mais do que isso. É preciso atitude.

Em relação a ter-se substituído às relações externas do Estado português, fica-lhe bem esse papel diplomático ao mais alto nível, mas devo aqui rejeitar liminarmente qualquer acusação de xenofobia. Eu, Sr. Deputado, não discuto a esse nível, não desço a esse nível, deixo-o aí onde está. Tenho outro respeito pela elevação do debate parlamentar, não só em termos físicos mas, também, em termos da qualidade daquilo que se diz.

Muito obrigado.

**Presidente:** Para uma segunda intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Herberto Rosa.

**(\*) Deputado Manuel Herberto Rosa (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Esta tem sido uma sessão de emoções fortes e provavelmente por isso é que eu tenho de vos dizer que *“quem nunca errou que atire a primeira pedra”*.

Eu olhei aqui para os dois documentos que se seguem e cometi um erro. O Partido Socialista vai seguir aquilo que assumiu em comissão. Sopesando a situação – e, neste momento ainda mais, por maioria de razão, porque o que importa mesmo é dar força ao Governo para que, junto da empresa concessionária, contribua para que ela cumpra aquilo que está calendarizado – é óbvio que eu cometi um erro: o Partido Socialista votou favoravelmente esta iniciativa em comissão e obviamente que vai seguir a sua orientação e vai votar agora também a favor desta iniciativa.

Até nas minhas palavras eu tinha uma contradição: o Partido Socialista é o partido maioritário, tem maioria absoluta nesta Assembleia e nunca esta iniciativa poderia ter garantia de viabilidade se não tivesse o voto favorável do PS, ao contrário do que acontece com a próxima iniciativa que, tendo o PSD, segundo partido maioritário, como proponente, não necessita do voto favorável do PS para ser viabilizada.

É esta a correcção. A humildade obriga-nos, quando erramos, a corrigir e foi isso que eu fiz.

Muito obrigado.

**Deputado Paulo Rosa (CDS/PP):** Muito bem, Sr. Deputado.

**Presidente:** Para uma segunda intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Aníbal Pires.

**(\* Deputado Aníbal Pires (PCP):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Paulo Rosa, V. Exa. fez aí algumas confusões. Aliás, relativamente ao nível de discussão, vai-me desculpar, mas a afirmação que fez é, de facto, de baixo nível. É de muito baixo nível, Sr. Deputado.

De facto, estabelecer paralelismos entre coisas que são diferentes é um profundo erro. E, de facto, aquela expressão está eivada de xenofobismo.

**Deputado Paulo Rosa (CDS/PP):** Essa afirmação fica consigo.

**O Orador:** Portanto, Sr. Deputado, agradeço que quando se dirigir à Representação Parlamentar do PCP o faça com o devido respeito.

Muito obrigado.

*(Apartes inaudíveis dos Deputados Paulo Rosa e Aníbal Pires)*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, agradecia que não entrassem em diálogo.

Sras. e Srs. Deputados, não havendo mais inscrições no debate, vou colocar à votação este Projecto de Resolução.

Ao contrário do que é hábito, mas já tendo acontecido no último período legislativo, chamava a atenção para o facto de haver uma proposta de alteração, apresentada em comissão pelo proponente, ao ponto 1, que por acaso é ponto único – até poderia discutir-se se não seria uma proposta de substituição, mas vamos fazer assim, proposta de alteração em sentido lato –, e que ao destinatário, o Governo da República, acrescenta a expressão “(...) e da Portugal Telecom”. Consta do respectivo relatório.

Havendo esta proposta de alteração ao ponto único do diploma, eu vou fazer a votação na generalidade e, depois, a votação na especialidade.

Votação na generalidade deste Projecto de Resolução.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como se encontram.

**Secretário:** Na generalidade, o Projecto de Resolução foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Vou colocar agora à votação a proposta de alteração ao ponto 1.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como se encontram.

**Secretário:** A proposta de alteração foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Coloco agora à votação o ponto 1, com esta proposta de alteração.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como se encontram.

**Secretário:** O ponto 1, com a proposta de alteração, foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Passamos à votação final global deste Projecto de Resolução.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como se encontram.

**Secretário:** O Projecto de Resolução foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Vamos passar ao ponto seguinte da nossa ordem de trabalhos, **Projecto de Resolução – “Encarrega a Comissão Especializada Permanente de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho de proceder à avaliação actualizada dos condicionalismos que levaram à classificação da Ponta da Fajã Grande, na Ilha das Flores, como Zona de Alto Risco”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD.

Para fazer a respectiva apresentação, tem a palavra o Sr. Deputado António Gonçalves.

**(\*) Deputado António Gonçalves (PSD):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

A Ponta da Fajã Grande na Ilha das Flores tem sido por diversas vezes matéria de interesse para o Parlamento dos Açores.

Há menos de um ano, apreciávamos nesta Assembleia uma petição, subscrita por 315 cidadãos da Ilha das Flores, que solicitava a apreciação parlamentar para a possibilidade de fornecimento de água, energia eléctrica e da realização de obras de pequeno impacto urbanístico no património já construído, composto,

maioritariamente, por casas na zona da Ponta da Fajã Grande. Aquele grupo de cidadãos, no exercício legítimo e democrático de um direito que os deputados do PSD novamente saúdam, solicitava ao Parlamento que fosse estudada a possibilidade de rever as restrições impostas pelo Decreto Legislativo Regional n.º 23/89-A, de 20 de Novembro, que declarou a Ponta da Fajã Grande como zona de alto risco e proibiu a edificação de qualquer tipo de construção, bem como a habitação nos imóveis existentes.

No final dos trabalhos parlamentares respectivos, foi deliberado que “não existiam condições para a emissão de quaisquer recomendações”, designadamente por não estar disponibilizado o relatório técnico do Laboratório Regional de Engenharia Civil sobre a matéria. Ficou assim por concluir aquilo que os cidadãos pretendiam e que a Assembleia iniciou. Ficaram deste modo por determinar politicamente, através deste Parlamento, as condições reais para manter aquela zona na situação jurídica em que se encontra ou, pelo contrário, para promover a permissão de alguns tipos de utilização em todo o local ou nalgumas das suas parcelas. Se mais nada fizermos, entende o PSD que se contribuirá para que os cidadãos se sintam defraudados nas suas legítimas expectativas.

É por isso imperioso que a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, através da respectiva Comissão Especializada Permanente, avalie a actual situação relativa aos condicionalismos de construção e de habitação na Ponta da Fajã Grande. De facto, neste momento, na nossa perspectiva não existem condições efectivas para decidir pela absoluta revogação da legislação existente ou para a adopção de outro tipo de medidas, sendo certo que parece minimamente consensual que as coisas também não podem continuar como estão.

Na realidade, como se refere no Projecto de Resolução em apreciação, o local da Ponta da Fajã Grande, no Concelho das Lajes das Flores, na Ilha das Flores, assume características marcantes da realidade insular. O isolamento e a beleza da mistura singular da terra e do mar estão reflectidos naquele lugar que, durante séculos, albergou gentes, costumes e história.

Tal como em tantas e tantas terras do arquipélago, a Ponta da Fajã Grande sofreu os efeitos da força da natureza, que levaram à aprovação da referida legislação. Passadas

cerca de duas décadas, constata-se que não existem registos de qualquer outra situação que ponha em causa a segurança do local, sendo que a vontade de muitos florentinos e naturais de outras terras em residir naquele local é uma realidade indesmentível.

O mundo mudou nos últimos 20 anos. São diferentes os conhecimentos técnicos e científicos. As questões relativas à segurança no local, à geologia, ao licenciamento de construções e de utilização de imóveis, designadamente ao nível do saneamento básico e fornecimento de água e de energia eléctrica, exigem uma actualização que possibilite uma avaliação e decisão políticas adequadas.

O presente Projecto de Resolução, para além da avaliação actualizada da realidade em causa e de todas as circunstâncias, designadamente geológicas, urbanísticas, científicas, sociais e culturais, que permita uma análise rigorosa da situação, tem o propósito expresso de elencar um conjunto de conclusões que identifiquem todas as questões relativas à utilização humana da Ponta da Fajã Grande.

Concluído que esteja o trabalho da comissão que agora se propõe, com o envolvimento político desta Assembleia, estaremos em condições de decidir o que fazer. Então sim, poderemos, de forma consciente e rigorosa, actuar no sentido de ser mantido o que existe, por um lado, de se permitir toda e qualquer construção ou utilização humana por outro, ou ainda de se restringir e condicionar as intervenções naquela zona ou mesmo, o que cada vez mais vai parecendo razoável, delimitar-se a utilização daquele lugar a diferentes tipos de intervenção.

É isto que se pretende com esta iniciativa, respeitando os cidadãos que suscitaram a intervenção deste Parlamento, respeitando a lei e as instituições e, sobretudo, respeitando as funções e as responsabilidades que nos são atribuídas pelo povo da nossa terra, no sentido de contribuirmos, com a nossa acção, para a melhoria das condições de vida de todos e cada um dos açorianos, em todas e em cada uma das partes das nossas ilhas.

Disse.

**Vozes de deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Para uma primeira intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Herberto Rosa.

**(\*) Deputado Manuel Herberto Rosa (PS):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Secretários Regionais:

Em vésperas de Natal de 1987, mais uma tempestade, mais uma calamidade assolou o lugar da Ponta da Fajã, um lugar de grande beleza, uma beleza que eu diria – e digo isto no sentido figurado, obviamente – esmagadora, atendendo às condições geológicas, mas um lugar que ao longo do tempo foi assolado por algumas intempéries e cataclismos.

Estou a lembrar-me que em 61 houve uma tromba-d'água que causou um morto, penso que foi nessa altura; depois houve esta derrocada em 87; já posteriormente, em finais de 96, também houve chuvas que levaram a que a ribeira transbordasse e provocasse largos prejuízos. Isto para dizer que a Ponta da Fajã é um lugar, como muitos outros nesta Região, que tem uma beleza ímpar e riscos associados a lá estar, a lá permanecer, a lá habitar. É uma consequência de vivermos em ilhas, é uma consequência de vivermos nestas ilhas, aqui no meio do oceano, nestes picos vulcânicos no meio do oceano.

Na sequência dessa calamidade, dessa derrocada de 1987 e depois de trabalho, também técnico – estou a lembrar-me de um parecer geotécnico da Universidade dos Açores, subscrito pelo geólogo Victor Hugo Forjaz –, foi decidido por esta câmara que devia ser proibida a habitação em permanência na Ponta da Fajã Grande, proceder-se ao realojamento e proibir a sua reocupação em permanência. É isso que permanece até hoje, está proibido até hoje. O que não significa que não existam pessoas que habitam permanentemente na Fajã Grande. São poucos casais, mas é verdade. O que é facto é que, por lei, não se pode habitar nos imóveis ali existentes, nem se podem fazer novas construções.

Ao longo do tempo, também, foram trazidas a esta casa algumas iniciativas com vista a revogar essa legislação. Não me lembro de nenhuma com vista a alterá-la, mas lembro-me de pelo menos duas com vista a revogá-la, ambas pela mão do CDS/PP. Uma delas recebeu parecer negativo da comissão e, portanto, não chegou a ser

agendada para plenário. A outra caducou no final da legislatura passada. Neste momento, está nesta casa uma terceira iniciativa, digamos que do mesmo teor, que visa alcançar o mesmo objectivo.

Tivemos pelo meio uma petição analisada e relatada, que foi apreciada neste plenário, uma vez que era subscrita por mais de 300 habitantes das Flores. Nas suas conclusões concluiu – passe a redundância – que não tinha os elementos suficientes, uma vez que faltava um parecer com um relatório técnico relativo à matéria.

Esse relatório, elaborado pelo Laboratório Regional de Engenharia Civil, a Nota Técnica 35/2008, tem data de Setembro do ano passado e deu entrada nesta casa a 2 de Dezembro. Não vou, obviamente, ler o relatório, mas vou directo à sua principal conclusão. A principal conclusão desse relatório técnico é que, relativamente à zona da Ponta da Fajã, “(...) face à situação de perigo que constitui a falésia que lhe está contígua e tendo em conta que as hipóteses de soluções de intervenção directa sobre a falésia para o minimizar são totalmente inviáveis, atendendo à altura da escarpa, considera-se que, na prática, se mantém uma situação de elevado risco naquele lugar”.

Tendo em conta este parecer técnico e a iniciativa, que poderíamos apelidar de definitiva, radical, total, que reiteradamente o CDS/PP tem trazido a esta Assembleia, somos colocados num dilema, que é o dilema do “*tudo ou nada*”. Provavelmente, como acontece em outros locais da nossa Região, havendo risco, ele não será uniforme nem será, digamos, geral. Existem certamente zonas que, pela natureza geológica, terão um risco maior ou menor.

Os próprios peticionários do final da legislatura anterior reconheciam que poderiam existir eventualmente soluções parcelares ou soluções mitigadas que, permitindo a reocupação e a re-humanização daquele espaço, salvaguardassem as situações de maior risco, de risco mais potencial, como, aliás, aconteceu em algumas outras zonas da nossa Região. Estou a lembrar-me da fatalidade da Ribeira Quente, que conduziu à interdição de um espaço, penso que se chama zona ou lugar do Fogo, mas que não impediu que a Ribeira Quente se continuasse a desenvolver e continuasse a ser habitada. Não foi considerada toda a zona como de risco, mas apenas num espaço limitado.

Considerando tudo isto, considerando que os interesses das pessoas são legítimos e considerando também que é altura de irmos ao fundo da questão, é altura de todos nós assumirmos que temos este assunto em mão e que temos de o resolver. Considerando que também o parecer do LREC, embora seja objectivo, não responde (também não lhe terá sido solicitado) a questões gradativas, a questões de, digamos, se a zona a Norte, a Sul, a Leste ou a Oeste têm o mesmo grau de exigência, o mesmo grau de risco, ou se há um risco que é razoável para quem vive nestas ilhas – as Flores, por exemplo, não têm histórico de sismos, portanto não há esse problema; outras ilhas têm e, no entanto, são habitadas e são reocupadas depois de algumas calamidades –, por tudo isto, parece-nos que faz sentido irmos ao fundo da questão e, então, fazer um trabalho objectivo e mais aprofundado sobre o lugar da Ponta da Fajã e os riscos efectivos de se habitar ou de se reocupar aquele espaço e aquela localidade.

É certo que – também é preciso dizê-lo – a comissão competente em função desta matéria, em função da análise da iniciativa do PP com vista a revogar o Decreto Legislativo Regional 23/89-A, de 20 de Novembro, já tinha decidido realizar um conjunto de diligências com vista a habilitar este plenário a pronunciar-se devidamente sobre a matéria. Mas não é menos verdade que a aprovação desta Resolução institucionaliza, de alguma forma, essa tarefa e dá-lhe cobertura, até, eventualmente, para proceder a pedidos de elaboração de pareceres ou, enfim, de realizar algumas despesas, deslocações e tudo isso. Institucionaliza, digamos, essa tarefa, dá-lhe um cunho, reforça essa posição, incumbe-a directamente dessa tarefa.

Portanto, por esse lado, agora sim, o Partido Socialista, considerando tudo isto mas considerando também que, eventualmente, esta iniciativa poderia já ter surgido mais cedo – e, aí, a responsabilidade não é só do PSD, é de todos nós nesta casa, os que estão agora e os que estiveram antes –, não vai opor-se a esta iniciativa, vai viabilizá-la.

E, porque uma vez tinha de haver uma abstenção, o Partido Socialista, agora sim, vai abster-se nesta matéria.

*(Risos da câmara)*



**Presidente:** Para uma primeira intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Rosa.

**(\*) Deputado Paulo Rosa (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O Sr. Deputado Manuel Herberto Rosa fez uma afirmação que nos parece, digamos, excessivamente sumarenta para eu passar sem a citar. Afirmou que a Ponta da Fajã é um lugar com muitos riscos associados, como muitos outros na nossa Região. É um facto. Mas, em relação à Ponta da Fajã na Ilha das Flores, pende um regime de excepção que não pende sobre mais nenhum sítio da nossa Região.

A verdade é que, Sr. Deputado Manuel Herberto Rosa, a vontade dos habitantes, residentes e proprietários que, como sabe, não habitam lá, têm uma sazonalidade na utilização das suas residências, é que se acabe com o regime de excepção. Foi nesse sentido a iniciativa apresentada pelo CDS/PP. Mas não é essa iniciativa que está aqui em discussão.

O Sr. Deputado António Maria Gonçalves referiu-se à petição subscrita por 315 florentinos. Pedem agora a avaliação de uma situação identificada em comissão há mais de um ano. Ou seja: o que é que aconteceu no espaço deste ano? O processo ficou adormecido e o CDS/PP tem a satisfação de o ter acordado agora. O CDS/PP acordou o PSD nessa matéria. É com honra que o CDS/PP assume a responsabilidade acrescida de verificar que um grande partido como o PSD tem, no fundo, secundado as iniciativas que este (por agora) pequeno partido tem tomado.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Sr. Deputado Paulo Rosa, isso não é verdade.

**O Orador:** Foi assim nesta matéria, em que, um mês depois da entrada do nosso Projecto de Decreto Legislativo Regional, o PSD apresenta um Projecto de Resolução.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Não é secundar.

**O Orador:** Sr. Deputado, inscreva-se.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** É copiar.

**O Orador:** O objecto da iniciativa, não o mecanismo escolhido.

Foi assim em relação à fibra óptica, em que após a apresentação do nosso Projecto de Resolução os senhores se apressaram a propor o reforço de um milhão de euros no Plano e Orçamento.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** O Sr. Deputado está a distorcer a verdade.

**O Orador:** Terá obviamente oportunidade de expor a sua versão dos factos. Para nós são factos mas, obviamente, serão rebatíveis.

Foi assim em relação ao Porto do Salão, que foi objecto de um requerimento recente pelo CDS/PP e que o Grupo Parlamentar do PSD se apressou a visitar, com grande impacto mediático.

**Deputado Luís Garcia (PSD):** Deve estar a brincar! O Porto do Salão tem sido sempre denunciado pelo PSD.

**O Orador:** Mas, voltando ao que verdadeiramente interessa...

*(Apartes inaudíveis da câmara)*

**O Orador:** Sr. Presidente, eu gostaria de continuar, se me for possível.

**Presidente:** Sr. Deputado Artur Lima, o seu aparte está a prejudicar a intervenção do seu colega de bancada.

Sr. Deputado Paulo Rosa, pode continuar.

**O Orador:** Foi um aparte da minha parte relativamente à Ponta da Fajã, que é o que realmente nos move.

Pensamos que deve ser respeitada a vontade das pessoas, porque nós vivemos numa situação, na Ponta da Fajã, que, perdoem-me a expressão, é uma situação hipócrita.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Muito bem!

**O Orador:** É uma situação hipócrita, porque há pessoas que residem na Ponta da Fajã a tempo inteiro, há pessoas que têm as suas casas na Ponta da Fajã e há um regime de excepção que não deixa que se resida na Ponta da Fajã. As autoridades olham para o lado, as autoridades “*assobiam para o lado*”, as autoridades não fazem cumprir a lei.

Se há, de facto, um risco real, as autoridades têm de assumir as suas responsabilidades do ponto de vista da responsabilidade civil. Se não há risco

acrescido, tem de se colocar os residentes da Ponta da Fajã dentro da normalidade do que são os outros sítios da nossa Região, onde se pode viver, gozando da plenitude de direitos.

Por agora, fico-me por aqui, Sr. Presidente.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Ciência, Tecnologia e Equipamentos.

**(\*) Secretário Regional da Ciência, Tecnologia e Equipamentos (José Contente):**

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Gostaria de dizer duas coisas.

Em primeiro lugar, como sabem, os processos de origem geológica medem-se num tempo diferente dos processos de origem humana.

Só para vos dar um exemplo, que alguns conhecem, a terra tem 4.600 milhões de anos. Nos Açores, cada ilha pode ter, nas partes mais antigas, 4 a 5 milhões. Há ilhas que têm enquadramentos geodinâmicos de maior intensidade, sob o ponto de vista da aceleração dos fenómenos geológicos consoante a zona onde se situam. É verdade que as Flores e o Corvo se situam na chamada placa americana, onde alguns fenómenos da sua estação sísmica são desconhecidos e isso também tem a ver com esse próprio enquadramento. Mas também é verdade que o diploma que foi aprovado em tempos na Assembleia reflectia uma situação de risco verdadeiro e real.

Eu não vou, naturalmente, falar em entidades que o Sr. Deputado aí referiu. Provavelmente estava a referir-se a entidades que licenciaram obras depois do Decreto Legislativo Regional estar em vigor, o que é grave. Isso foi feito, pelo menos há essas notícias.

Há riscos diferenciados. Sob o ponto de vista de todas as ilhas e todos os locais, nós às vezes falamos que é má a existência de determinadas obras em fajãs de talude ou fajãs lávicas, mas o facto é que vivemos aqui há 500 anos com vários riscos potenciais. Trata-se sempre de decidir de acordo com aquilo que nós poderíamos chamar de pragmatismo racional, ou seja, de acordo com estudos técnicos e decisões políticas associadas às necessidades das populações. É esse o critério difícil da decisão. Neste caso também nos parece que é um critério de algum cuidado, de alguma prudência.

O que nos traz aqui é dizer que nós consideramos que, passado este tempo, com a noção de que há riscos diferenciados, ao Governo cabe-lhe, se lhe for pedido, sob o ponto de vista do trabalho do Laboratório Regional de Engenharia Civil, ter o cuidado necessário e suficiente, com estudos isentos e rigorosos, de poder dar informações àqueles que decidem ou que contribuem para a decisão no modo de acautelar riscos potenciais e de não ir atrás, só, de necessidade prementes da população, sem acautelar situações das quais, mais tarde, todos se poderiam arrepender. Portanto, é importante que, neste processo de decisão, e o Governo considera isso sensato, se peçam novas avaliações, para ver se há situações diferenciais ao longo da Ponta da Fajã Grande.

No entanto, que existe um risco potencial naquele local, é verdade que sim. Que a situação actual é manifestamente ilegal em alguns casos, nós consideramos que é ridícula noutros e ainda hipócrita noutros, também é verdade.

É verdade que é preciso avançar rapidamente para uma decisão, passado este tempo, é preciso ter essa prudência, porque também há algum historial da própria estabilidade ou instabilidade daqueles taludes, sem grandes certezas uma vez que, como eu disse há pouco, o tempo geológico tem outras condicionantes e não pode ser medido e avaliado com os mesmos critérios de outro tipo de situações da vida humana.

O que nos parece, em suma, é que deveria haver nesta altura uma avaliação diferenciada em algumas daquelas zonas para se verificar, com responsabilidade actual e futura, se há maneiras de poder ter uma leitura diferente daquela que tiveram os deputados em 1987, baseados aliás num estudo da altura. Como nós todos sabemos também, quando se está em cima de uma situação de catástrofe ou de calamidade, a própria avaliação de todos é diferente. Ninguém hoje em dia considera que um estudo é independente do contexto em que é gerado, nem mesmo em ciência. Há avaliações objectivas, mas os contextos determinam as leituras, mesmo nas ditas ciências mais puras ou exactas. Isso sempre foi assim e sê-lo-á no futuro.

O que nós achamos é que agora chegou o momento, depois de passado este tempo e com o historial e até com os próprios contextos sociais, de reavaliar esta situação e

depois, com responsabilidade, as pessoas assumirem as posições que entretanto tomaram. Pela parte do Governo, nós temos toda a clareza neste assunto.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Então qual é a responsabilidade do Governo?

**O Orador:** Temos toda a clareza neste assunto. Se o Laboratório Regional de Engenharia Civil ou outra entidade qualquer achar que, diferenciadamente, há zonas passíveis de serem habitadas, ainda que com algumas cautelas ou algumas obras de desvio de eventuais escorregamentos, etc., acho que isso deve ser assumido.

Nós temos, aliás, nos Açores, várias outras situações em que nem sequer isso fazemos. Basta ver a quantidade de fajãs de taludes e lávicas que existem por aí com pessoas a habitar em todo o lado. Não se trata de não assumir um risco potencial, trata-se de enquadrar os riscos potenciais na nossa vivência de insulares.

Essa é, penso, a postura mais prudente e mais sensata. Mas é preciso fazer, na opinião do Governo, esse estudo, para tomarmos todos essa decisão.

Finalmente, na óptica do Governo, as entidades que ficarem responsáveis por fiscalizar o que são obras particulares e o que são outras situações deverão ter, ao contrário do que acontece desde 87 até agora, outra postura.

**Presidente:** Tem a palavra, para uma intervenção, o Sr. Deputado Aníbal Pires.

**(\*) Deputado Aníbal Pires (PCP):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Apenas para declarar o nosso apoio a esta proposta do PSD. Ela é, de facto, uma exigência reconhecida por todos, nomeadamente pelo Governo.

Esta iniciativa só peca por não ter sido levada à prática há mais tempo. Não por responsabilidade do PSD, claro, mas pela própria iniciativa do Governo Regional, que já deveria ter providenciado o esclarecimento cabal desta situação.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Para uma segunda intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Herberto Rosa.

**(\*) Deputado Manuel Herberto Rosa (PS):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Vou tentar ser breve, mas não posso deixar passar em claro algumas afirmações que foram aqui proferidas.

Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, pela voz do Sr. Deputado Paulo Rosa, o Grupo Parlamentar do CDS/PP afirma duas coisas:

Primeiro, temos de respeitar a vontade das pessoas, como valor absoluto e inquestionável. Segundo, se há uma lei que não é cumprida, revogue-se a lei. Devo dizer que nem num caso nem no outro estamos de acordo.

Primeiro, muitos são os casos em que nós, em que o Estado, em que os que são responsáveis têm de proteger o povo de si próprio. É por isso que se obrigam as pessoas a usar cinto de segurança ou capacete, é para os proteger de si próprios. Portanto, não podemos deixar as pessoas fazerem, na sociedade, o que “*muito bem lhes dá na gana*” – perdoem-me o plebeísmo – porque, depois, as consequências recaem sobre todos nós, que pagamos impostos e que vamos, com o nosso dinheirinho, contribuir para resolver os problemas.

Neste momento nós temos um parecer do LREC que diz que “Analisadas as condições geológicas e tendo em conta os aspectos climatéricos, elevada pluviosidade, ventos intensos e o historial da zona, considera-se que esta continua a ser e será sempre uma área de elevado perigo de ocorrência de movimentos de massa, por corresponder a um escarpado imponente onde existem indícios de evolução acelerada”.

Srs. Deputados do CDS/PP, se nós aprovássemos a pura e simples revogação desta legislação, mesmo com um parecer nesse sentido, não seria responsável. Não seria responsável, no nosso entender, sem aprofundarmos esta questão e confrontarmos este estudo com, eventualmente, estudos de pormenor que nos permitam, de forma mais actualizada e mais concreta, saber o que se passa, revogar legislação que foi aprovada em devido tempo.

Sr. Deputado, na verdade, uma coisa é nós decidirmos impedir as pessoas de habitar em determinado sítio, devido a um risco, outra coisa é, depois de termos tomado essa medida, porque havia um risco comprovado, num decreto aprovado nesta casa por unanimidade – ninguém contestou quando as pessoas foram desalojadas, realojadas e indemnizadas; toda a gente aplaudiu –, não se pode de repente, só porque, enfim,

alguém se lembrou ou apareceu algum iluminado, dizer “agora já não há risco nenhum, revogue-se”.

O PP, quando pela primeira vez trouxe esta iniciativa, lembro-me perfeitamente que o Departamento de Geociências da Universidade dos Açores se questionava, no parecer que lhe foi solicitado pela comissão, sobre se diziam no preâmbulo que já não havia risco nenhum, que demonstrassem onde tinham ido buscar a conclusão de que não havia risco nenhum. Nós temos um relatório do LREC que diz que há risco. Generaliza o risco, não define se há alguma zona com mais ou menos risco, que é isso que está aqui em causa e é isso que penso que o PP propõe.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Que o PSD propõe!

**O Orador:** Ou que o PSD propõe.

Agora, nós temos um documento que diz que há risco, um risco eminente. O PP não apresenta nenhum estudo a dizer que não há risco nenhum. Traz uma opinião, a que não sei se hei-de chamar irresponsável, se demagógica, se as duas coisas, a dizer que se pode revogar à vontade, que as pessoas podem lá habitar alegremente e que se deve respeitar a vontade das pessoas. Mas deve-se respeitar a vontade das pessoas sem limites, mesmo quando essa vontade pode conduzir a, eventualmente, pôr em risco a sua vida, os seus haveres ou os dos outros?

É isso que temos de ver. Temos de ser responsáveis nesta casa. O Partido Socialista, enquanto partido que suporta o Governo, tem de ser muito mais responsável, porque nós não podemos dizer “habitem lá, se quiserem, que nós não temos nada a ver com isso”. O Governo é sempre responsável. No dia em que houver um acidente ou qualquer problema naquela falésia, o Governo tem de estar na linha da frente, os bombeiros têm de ir correr risco de vida, a protecção civil tem de ir para lá trabalhar e correr risco de vida, gastar recursos que são poucos, por nós termos sido irresponsáveis. Nós vamos ser responsáveis.

Nós queremos resolver o problema mas com consciência, com verdade e com responsabilidade. Enquanto não tivermos algo que nos diga claramente que há razões objectivas e segurança mínima para podermos alterar ou revogar a legislação no limite, pura e simplesmente não iremos alterar uma legislação que foi feita

legitimamente, com fundamento em pareceres técnicos e que está em vigor precisamente porque não há nada que diga o contrário.

A não ser a opinião douta, esclarecida de V. Exa.

Espero que V. Exa. me diga baseada em quê, a não ser no tempo.

Porque é que V. Exa. acha que há neste momento condições para revogar esta legislação, condições que não havia há 5, 10 ou 15 anos? Espero que me diga se também acha que amanhã as condições vão ser exactamente as mesmas, porque tem um estudo ou, então, consultou a “*Maga Patalógica*”, para saber que isso é assim.

Eu não tenho dotes divinatórios e, portanto, é isto: enquanto responsável político e membro do partido que suporta o Governo, deputado da Ilha das Flores, que muito preza a vida e os bens das pessoas, não serei irresponsável...

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** O senhor e o seu Governo é que são responsáveis.

**O Orador:** ...ao ponto de, com o meu voto, contribuir para algo que pode ser uma desgraça, se eu não tiver fundamentos técnicos e científicos que me respaldem para tomar essa decisão.

É esta a minha posição e é esta, penso, a posição do Grupo Parlamentar do PS, em nome de quem falo neste momento.

Depois, a questão de que “*se não há lei, cumpra-se a lei*”.

Um partido securitário e policial como é o PP vem dizer que a solução para quem não cumpre a lei é revogar a lei?

**Deputado Luís Silveira (CDS/PP):** É não ser hipócrita, o que é diferente.

**O Orador:** Isto chega a um ponto que, digo-vos, depois é um vácuo, não há mais nada a dizer neste momento.

**Deputado Luís Silveira (CDS/PP):** É ser hipócrita e deixar fazer tudo.

**O Orador:** Está tudo dito, está tudo absolutamente dito.

Se Vs. Exas. acham que a forma de se resolver as infracções é revogar a infracção e não, eventualmente, punir os prevaricadores, pois, meus senhores, está tudo dito.

Sobre o diploma, sobre a génese do diploma e sobre a história do diploma havemos de falar, eventualmente, quando discutirmos o Decreto Legislativo.

Havemos de falar de algumas curiosidades de diplomas que passavam nesta casa e que, curiosamente, eram propostos pelo Governo de então, eram alterados nesta casa



por proposta do Grupo Parlamentar que suportava o Governo de então – estamos a falar de 89 – e depois, quando eram publicados, voltavam a ter a versão original, mesmo com inconstitucionalidades lá constantes. Como a inconstitucionalidade de ter atribuído à Câmara Municipal das Lajes a competência de fiscalizar a ocupação daquele espaço, coisa que a Assembleia não podia fazer nessa altura, como aliás um deputado do Grupo Parlamentar do PSD, ilustre jurista, alertou e apresentou uma proposta de alteração, ela foi aprovada em plenário por unanimidade, está no Diário das Sessões para quem quiser consultar e depois, quando o diploma foi publicado, foi publicado exactamente como tinha vindo da parte do Governo e ninguém nunca deu por isso.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Clélio Meneses.

**(\*) Deputado Clélio Meneses (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Manuel Herberto, quase me atrevo a dizer que o senhor tirou o dia para me surpreender.

Há pouco, pensei que o senhor se ia abster, o senhor votou a favor. Agora, parecia-me que o senhor ia votar a favor e o senhor abstém-se. O senhor, de facto, tirou o dia para me surpreender, porque os seus argumentos são todos de quem vai votar a favor desta proposta.

**Deputado Manuel Herberto Rosa (PS):** Tenho de ser coerente com a posição na comissão.

**O Orador:** Tentando centrar o debate naquilo que está aqui em causa, que decorre da iniciativa política do Grupo Parlamentar do PSD, tenho a dizer que ela assenta na avaliação política que o PSD fez e faz sobre aquela realidade em concreto.

Obviamente que essa perspectiva é diferente. Pelos vistos, é diferente da do Partido Popular, que tem uma iniciativa legítima e muito bem, e que teve a vantagem, também, de colocar mais uma vez este assunto em cima da mesa, o que saudamos, mas é uma perspectiva diferente. O Partido Popular tem a perspectiva de que, nesta circunstância, se deve revogar aquela legislação. O PSD entende – como já foi aqui referido, quer pelo Partido Socialista, quer pelo Governo Regional, quer, sobretudo,

pela iniciativa do Sr. Deputado António Maria Gonçalves – que nesta altura é importante avaliarmos a situação e concluirmos de forma exaustiva sobre aquilo que se pode ou não ali fazer.

Uma nota sobre a questão dos monopólios.

O meu entendimento é de que não há monopólios políticos de ninguém. A realidade açoriana não tem um único dono. Uma vez, uns falam primeiro do que outros, outras vezes, falam os outros primeiro.

Podia dar aqui um conjunto de exemplos de matérias relativamente às quais o PSD teve iniciativa política ou parlamentar e sobre as quais outros partidos também acharam importante intervir. A vida política é assim mesmo. Por exemplo, a mim não me incomoda nada, se fizer uma declaração política sobre uma matéria, que, passados uns dias, o CDS/PP faça uma resolução sobre a mesma. Ainda bem que assim é, ainda bem que todos contribuem na medida que cada um entende adequada, em cada momento, para melhorar as condições de vida dos açorianos.

É isto a política e tem de ser vista exactamente com esta dimensão relativa, sem querermos de modo algum tornarmo-nos donos do que quer que seja. A política é assim e ainda bem que assim é. Quem tem de chegar sempre primeiro não é um partido ou outro, quem tem de chegar sempre primeiro são os açorianos. É essa a nossa mensagem e é essa a nossa vontade.

Não poderia deixar de fazer aqui uma nota, que tem a ver com o empenho político que o Sr. Deputado António Maria Gonçalves tem tomado ao longo dos anos sobre esta matéria, aos mais variados níveis políticos, relativamente à Ponta da Fajã Grande. Foram várias iniciativas em termos de intervenção no local, do apoio aos mais diversos níveis, culminando com esta proposta que hoje aqui analisamos.

Esta proposta, e é sobre isto que me parece importante falarmos, tem quatro objectivos fundamentais.

Não é apenas e só a conclusão dos trabalhos que decorreram da petição, embora também decorra disso. Achamos que é uma responsabilidade política que temos, não deixar aqueles 315 florentinos, que trouxeram às mãos dos parlamentares uma preocupação sua, com um relatório final que não conclui nada. Achamos que é

importante haver um trabalho parlamentar de conclusão e, por isso, esta é uma das dimensões do nosso Projecto de Resolução, mas não se fica por aí.

Por outro lado, no nosso Projecto de Resolução não está apenas em causa a classificação ou não como zona de alto risco. Está em causa também isso, é importante avaliarmos isso, mas também está em causa a terceira dimensão, que é a avaliação actualizada da situação. Como já aqui foi dito pelo Sr. Deputado António Maria Gonçalves, a vida e o mundo, hoje, não são os mesmos de há 20 anos. Há tantos avanços, tanta coisa que mudou no mundo, que é preciso avaliarmos hoje, em termos geológicos, científicos, sociais, em termos urbanísticos, aquela realidade em concreto.

*(Aparte inaudível da Deputada Catarina Furtado)*

**O Orador:** Científicos genericamente e geológicos especificamente, clarificando, dada a preocupação que a Sra. Deputada Catarina Furtado deixou no seu aparte.

Concluindo, a este nível há um conjunto de matérias e de áreas que merecem uma intervenção clara. No entanto, o que é mais importante para nós é que desse relatório, como aqui já foi dito, saiam conclusões concretas, porque o povo está farto de conversas dos políticos.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** O povo quer conclusões concretas e que, deste relatório, saiam conclusões sobre tipos de intervenções, sobre formas de uso humano daquela área, que tipo de uso humano é que se pode dar àquela área e, também, conforme já foi aqui anunciado, quais as diferentes áreas que podem ser utilizadas. Porque nos parece que, de facto, é possível encontrar diferentes áreas, diferentes parcelas daquela zona para diferentes usos.

É este o contributo que queremos dar contando, obviamente, com o contributo de todos, porque engane-se quem pensa que sozinho chega lá. Sobretudo, sozinho ninguém faz nada pelos açorianos.

Cada vez que damos as mãos, cada vez que entendemos que o nosso contributo é essencial para darmos um passo em frente no progresso da autonomia nas melhores condições de vida dos açorianos, estamos, aí sim, a assumir as nossas funções.

É esse o contributo que, mais uma vez, o PSD dá com este Projecto de Resolução.

**Deputado António Maria Gonçalves (PSD):** Muito bem!

Muito obrigado, Sr. Deputado!

**Presidente:** Para uma segunda intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Rosa.

**(\*) Deputado Paulo Rosa (CDS/PP):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Eu começaria exactamente por manifestar a minha concordância absoluta com o que disse o Sr. Deputado Clélio Meneses. De facto, não há monopólios em política, os Açores são de todos, os problemas estão identificados, eu apenas fiz referência a uma curiosa sequência de eventos recentes. Por aqui ficamos, uma curiosa sequência.

Sr. Deputado Manuel Herberto Rosa, o estudo do LREC – disse-me que era do LREC, suponho eu – que está em seu poder é de acesso privilegiado? Nós não tivemos acesso a esse estudo. Esse estudo, segundo o relatório da comissão, não foi...

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Está no arquivo da Assembleia, não está na página mas está no arquivo.

**O Orador:** Ah! Mas não foi discutido em comissão.

De qualquer maneira, devo dizer ao Sr. Deputado algumas coisas.

Uma das coisas é que se os pareceres do LREC são vinculativos para as decisões políticas, de facto, não sei até que ponto é que a Fajã do Calhau não pode ser também invocada como exemplo. Há aqui um claro contra-senso.

O Sr. Deputado diz que, no entender do CDS/PP, lei que não é cumprida, revogue-se. Ora bem, a nossa iniciativa partia do pressuposto de que não havia estudos sérios em relação a esta matéria. Há, ao que parece, um relatório do LREC, que me dizem que é exactamente igual ao do final dos anos 80. Não sei se isso corresponde aos seus dados, mas lança aqui uma aura de suspeição no ar.

O que nós queremos, de facto, é responsabilizar quem não faz cumprir a lei. As situações são claras: há risco; há pessoas a residir na Ponta da Fajã; o Governo

Regional tem tutela sobre as autarquias; portanto, como é que é possível, havendo risco, que aquelas pessoas continuem a residir na Ponta da Fajã? É porque o risco, obviamente, não será assim tão elevado. A verdade é esta, Sr. Deputado Manuel Herberto Rosa, se de hoje para amanhã ocorrer uma fatalidade, haverá responsabilidades civis a imputar a este Governo e ao Partido Socialista porque, tendo conhecimento de que as pessoas continuam a residir na Ponta da Fajã, permitem que isso aconteça.

O nosso objectivo é colocar as pessoas dentro da lei.

Há estudos sérios. Querem fazer mais estudos? Tiveram 20 anos para os fazer e não o fizeram. Façam-nos agora, façam mais estudos...

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Cumpram a lei.

**O Orador:** ...mas cumpram a lei.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**O Orador:** Ou aquelas pessoas têm condições para lá estar e se mantêm lá, ou aquelas pessoas não têm condições para lá estar e são retiradas de lá. Não apenas com indemnizações, como aconteceu há 20 anos, em que as pessoas foram indemnizadas, mas não foram expropriadas e as habitações não foram demolidas. Conduzam o processo do princípio até ao fim. Sejam coerentes do princípio até ao fim, para que não subsista margem para dúvidas. Expropiem e façam demolições, se o risco for realmente real, passe a redundância.

Se o risco não for realmente real, tenham a honestidade de dar àquelas pessoas as mesmas condições que os outros açorianos têm, em particular aqueles que, por analogia, vivem noutras situações de risco, noutras fajãs dos Açores, em ilhas com actividade sísmica elevada e que correm, obviamente, um risco todos os dias.

Muito obrigado.

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, não havendo mais inscrições para o debate, coloco à votação este Projecto de Resolução.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como se encontram.

As Sras. e os Srs. Deputados que discordam façam o favor de se sentar.

As Sras. e os Srs. Deputados que se abstêm façam o favor de se sentar.

**Secretário:** O Projecto de Resolução foi aprovado, com 12 votos a favor do PSD, 2 votos a favor do BE, 1 voto a favor do PCP, 1 voto a favor do PPM, 26 abstenções do PS e 5 abstenções do CDS/PP.

**Presidente:** Não havendo declarações de voto, passamos ao ponto seguinte da nossa ordem de trabalhos, a **Petição – “Construção de um novo complexo escolar para a EBS/Povoação”**, apresentada pelos proponentes António Manuel Vieira Resendes, Carla Maria de Sousa Moreira e Pimentel e Rúben Manuel Bettencourt (Comissão Para Uma Nova Escola).

De acordo com o artigo 192.º, n.º 2, pediria à Sra. Relatora da Comissão dos Assuntos Sociais o favor de apresentar o respectivo Relatório.

**Deputado Nélia Amaral (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

## **«RELATÓRIO E PARECER SOBRE A PETIÇÃO “CONSTRUÇÃO DE UM NOVO COMPLEXO ESCOLAR PARA A EBS/POVOAÇÃO”**

### **CAPÍTULO I**

No passado dia 20 de Março de 2009, deu entrada na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores uma petição intitulada “A Favor de Uma Nova Escola Secundária na Povoação” apresentada pela Comissão por Uma Nova Escola, representada pelos Senhores António Manuel Vieira Resendes, Carla Maria de Sousa Moreira e Pimentel e Rúben Manuel Bettencourt.

A petição reúne 723 assinaturas, é subscrita por professores, pessoal não docente, pais e encarregados de educação e relata as condições de segurança e de trabalho que condicionam o exercício da actividade lectiva naquela escola.

Os peticionários reivindicam a construção de um novo complexo escolar para a Povoação, fora do núcleo urbano da vila, capaz de colmatar a exiguidade dos espaços e o risco inerente que caracterizam a actual escola.

A referida petição foi submetida à Comissão de Assuntos Sociais, por despacho do Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, para apreciação, elaboração de relatório e emissão de parecer até 25 de Maio de 2009.

## **CAPÍTULO II**

### **Enquadramento Jurídico**

A petição em apreciação enquadra-se no exercício do direito de cidadania constitucionalmente consagrado. Com efeito, a Lei Constitucional n.º 1/2005, de 12 de Agosto, no seu artigo 52.º com epígrafe “Direito de petição e direito de acção popular” estabelece, no n.º 1 que: “todos os cidadãos têm o direito de apresentar, individual ou colectivamente, aos órgãos de soberania, aos órgãos de governo próprio das regiões autónomas ou a quaisquer autoridades petições, representações, reclamações ou queixas para defesa dos seus direitos, da Constituição, das leis ou do interesse geral e, bem assim, o direito de serem informados, em prazo razoável, sobre o resultado da respectiva apreciação.”

As condições para o exercício deste direito de petição encontram-se fixadas na Lei n.º 43/90, de 10 de Agosto, com as alterações que lhe foram introduzidas pelas Leis n.º 6/93, de 1 de Março, Lei n.º 15/2003, de 4 de Junho, e Lei n.º 45/2007, de 24 de Agosto.

A este propósito importa referir o artigo 14.º da Lei n.º 43/90, de 10 de Agosto, que dispõe: “sem prejuízo do disposto em especial para a Assembleia da República, os órgãos de soberania, de governo próprio das regiões autónomas e das autarquias locais ... organizarão esquemas adequados de recepção, tratamento e decisão das petições recebidas.”

Por sua vez a Lei 2/2009, de 12 de Janeiro, que aprova o Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores dispõe, no seu artigo 73.º, n.º 4, que “as petições dirigidas à Assembleia Legislativa são apreciadas pelas comissões ou por comissão especialmente constituída para o efeito, que pode ouvir as demais

comissões competentes em razão da matéria, bem como solicitar o depoimento de quaisquer cidadãos”.

Os termos pelos quais o direito de petição é exercido perante a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores bem como as condições de admissão e o processo de apreciação encontram-se definidos nos artigos 189.º a 193.º do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, aprovado pela Resolução n.º 15/2003/A, de 26 de Novembro.

### **CAPÍTULO III**

#### **Apreciação**

##### **1. Análise preliminar**

Verificada a conformidade da petição com os requisitos definidos para o exercício do direito de petição no âmbito do artigo 189.º do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, a Comissão de Assuntos Sociais deliberou, por unanimidade, admiti-la tendo identificado o primeiro subscritor assim como o respectivo domicílio.

No exercício da competência de apreciação da petição pela Comissão prevista no Artigo 191.º do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, a Comissão de Assuntos Sociais deliberou, igualmente por unanimidade, proceder à audição do primeiro subscritor, bem como da Secretária Regional da Educação e Formação.

##### **2. Audição do primeiro subscritor:**

De acordo com os peticionários a pretensão de construção de um novo complexo escolar data de Junho de 2008, parte de um movimento de professores, pais, pessoal não docente e órgãos de gestão da escola e tem por base a preocupação com a falta de segurança do actual edifício. A este propósito clarificam que as questões de segurança que os preocupam não se reportam apenas ao risco inerente à existência do talude nas traseiras da escola, risco esse que é extensivo a toda a Vila. Tanto ou mais do que o risco associado ao talude preocupa-os os riscos a que os alunos ficam



expostos no exterior da escola designadamente ao atravessar a via, no jardim público e no percurso entre a escola e o pavilhão desportivo onde decorrem as aulas de educação física.

A par das questões de segurança os peticionários apontam também os constrangimentos colocados ao bom desempenho de alunos e professores pela falta de espaços, sendo de prever que esta se venha a agravar com a extensão do ensino até ao 12.º ano. Referem a título de exemplo a falta de salas de aula que obriga a horários até às 18 horas, a realização de aulas em salas utilizadas para outros fins, a falta de espaços condignos para atendimento de pais e encarregados de educação, a exiguidade de espaços destinados a refeições, biblioteca e salas de trabalho para alunos e professores, assim como a inexistência de espaços para a prática de desporto, de convívio e de lazer, o que coloca constrangimentos até em situações de emergência.

Perante esta situação e confrontando a sua realidade com as condições de trabalho que hoje possuímos na generalidade das escolas da Região é pretensão dos peticionários que a nova carta escolar a aprovar pelo Governo Regional contemple a construção de um novo complexo escolar para a Povoação.

A finalizar informaram ainda a Comissão de que têm já identificada uma localização alternativa para construção da escola e que a Câmara Municipal manifestou disponibilidade para proceder à aquisição do terreno.

Seguiu-se um período para esclarecimentos no qual intervieram os Deputados Paulo Estêvão, Graça Teixeira, Rui Ramos, Nélia Amaral, e Paulo Rosa.

O Deputado Paulo Estêvão interveio para dar testemunho das melhorias significativas que se têm verificado no parque escolar de todas as ilhas e manifestar a sua convicção de que o mesmo se verificará também na Povoação. A terminar questiona os peticionários sobre qual a calendarização que prevêem para concretização das suas pretensões.

Os peticionários manifestaram-se conscientes de que uma escola não se constrói num ano, e consideram tratar-se de um objectivo para a presente legislatura.

A Deputada Graça Teixeira lembrou a resistência que surgiu na população quando foi colocada a possibilidade de construção de uma nova escola fora do núcleo urbano da

vila. Lembrou também que a escola já foi intervencionada por 2 vezes, no sentido de a dotar das melhores condições possíveis, dados os constrangimentos de espaço.

No que se reporta às questões de segurança dos alunos relacionada com a entrada de estranhos no recinto escolar salientou tratar-se de uma questão que se prende com o funcionamento e gestão da escola e perguntou que iniciativas foram já tomadas no sentido de controlar essas entradas e que iniciativas existem em articulação com a Polícia de Segurança Pública no âmbito do Projecto Escola Segura.

A finalizar lembrou que será pouco provável que a Povoação tenha uma nova escola em três ou quatro anos atendendo a que ainda não há projecto nem terrenos adquiridos. Informou que a escola já funcionou com mais alunos do que os que a frequentam actualmente e solicitou informação sobre a evolução do número de alunos da escola em consequência da abertura da escola de furnas e da escola profissional.

Em resposta às questões colocadas os peticionários informaram não terem presente a evolução do número de alunos da escola mas adiantaram que se é certo que o mesmo terá diminuído com a abertura das novas escolas, não é menos certo que outros alunos regressaram à escola fruto do sucesso das iniciativas dedicadas a contrariar o abandono escolar precoce. Afirmam ainda que na situação actual já têm horários que se prolongam até às 18 horas e que com o alargamento da escolaridade obrigatória a única alternativa viável seria voltar a funcionar em espaços "emprestados".

Em relação ao cronograma provável para construção da escola reafirmam que não estão a reivindicar uma escola nova para amanhã ou para daqui a 4 anos. Apenas pretendem o compromisso com a sua construção e que se dê início ao processo. Quanto à localização da escola fora do centro da vila afirmam que a oposição que surgiu anteriormente se ficou a dever essencialmente a interesses economicistas dos pequenos comerciantes e que hoje é a própria população a reconhecer que essa seria a melhor solução.

Informaram ainda que a escola possui equipamento electrónico para controlo de entradas que estará a funcionar em breve. No entanto alertam que é extremamente difícil fazer essa gestão dada a falta de espaço no interior da escola o que leva os alunos a terem de recorrer a espaços públicos e nestes casos o Projecto Escola Segura não consegue dar resposta.

O Deputado Rui Ramos manifestou a sua solidariedade com a pretensão dos peticionários e chama a atenção para a necessidade de alertar a população da Povoação para as consequências das suas opções.

A Deputada Nélia Amaral questionou os peticionários sobre a existência de um plano de evacuação e de emergência aprovado pela Protecção Civil, assim como sobre uma eventual articulação com a autarquia no âmbito do combate às situações de risco com que os alunos se defrontam no exterior da escola designadamente no âmbito do plano municipal de prevenção de comportamentos de risco.

Os peticionários confirmaram a existência dos planos de evacuação e de emergência assim como a realização de simulações de sismo, incêndio e de cheias.

No que se reporta à prevenção de comportamentos de risco afirmaram tratar-se de um problema social muito grave, que a escola tem desenvolvido algumas actividades de prevenção nomeadamente no contexto do clube de teatro mas que não possui qualquer articulação com a autarquia ou com a polícia.

O Deputado Paulo Rosa manifestou a sua convicção de que a escola da Povoação não corresponde à regra mas sim à excepção das escolas da região e de que esta situação será também alterada. No entanto deixa como sugestão a solução encontrada pela escola das Flores que se encontra em situação idêntica e procede à deslocação dos alunos entre a escola e o complexo desportivo de autocarro.

Os peticionários informaram que essa solução não é possível na Povoação uma vez que os alunos são transportados para a escola em transportes públicos, que não permanecem na vila durante o dia.

### **3. Audição da Secretária Regional da Educação e Formação:**

A Secretária Regional informou a Comissão de que a Escola em causa sofreu intervenções significativas nos anos de 1996 a 2001, com remodelação de espaços e construção de um novo bloco de aulas, com 20 salas, que ascendeu a cerca de 1 600 000 euros.

Neste momento, dada a qualidade da rede escolar regional e tendo em conta o risco que o talude representa parece-lhe razoável a pretensão de ver construída uma nova escola. Aliás, o Governo Regional já manifestou essa intenção há cerca de 10 anos

atrás e foi a população da Povoação que rejeitou a possibilidade de fazer deslocar a escola para fora do núcleo urbano da vila.

A Secretária Regional informou também que a Carta Escolar, instrumento orientador dos investimentos no parque escolar da Região, está a ser revista pelo Governo pelo que considera razoável que venha a contemplar uma nova escola básica integrada para a Povoação.

O Deputado Cláudio Almeida questionou a Secretária Regional sobre a data previsível para construção da nova escola assim como sobre a intervenção que até essa data pode ser feita ao nível do talude.

A Secretária Regional informou que a intervenção no talude está contemplada no âmbito da acção 18.7.9 do Plano do Governo para 2009, de acordo com as orientações emanadas pelo Laboratório Regional de Engenharia Civil, no seu relatório de Novembro de 2009.

Quanto à calendarização da construção da nova escola salientou que a primeira etapa será incluí-la na nova carta escolar enquanto instrumento de planeamento das intervenções na rede escolar da região, o que significa o comprometimento com a sua construção. A este propósito informou a Comissão de que as escolas normalmente levam dois a três anos a serem construídas e um período idêntico a serem concebidas, pelo que seria no mínimo prematuro pronunciar-se sobre uma data previsível para a sua conclusão.

## **CAPÍTULO IV**

### **Parecer**

Concluída a apreciação da petição e o processo de audições, tendo em conta as pretensões dos peticionários e considerando o conteúdo da audição efectuada à Secretária Regional da Educação e Formação pode concluir-se o seguinte:

1. O Governo Regional tem efectuado investimentos significativos na remodelação do parque escolar da Região.

2. A generalidade das escolas da Região garante condições de trabalho condignas a alunos, professores e pessoal não docente.
3. A Escola Básica e Secundária da Povoação não oferece condições de trabalho comparáveis com a generalidade das escolas da Região.
4. No passado, foi intenção do Governo Regional construir uma nova escola na Povoação.
5. Esta pretensão não foi concretizada devido à oposição manifestada pela população, na forma de abaixo-assinado, que defendia a manutenção da escola no centro da vila.
6. O Governo Regional optou então por efectuar obras de ampliação, remodelação e beneficiação da Escola já existente, conferindo-lhe as melhores condições possíveis.
7. Hoje, é a comunidade educativa que reconhece a necessidade de uma nova escola e que solicita a sua construção.
8. O Governo Regional manifesta-se disponível para concretizar a sua pretensão inicial, agora também ambição da comunidade.

Perante a informação colhida no processo de apreciação da petição, a Comissão Permanente de Assuntos Sociais deliberou, por unanimidade, emitir as seguintes recomendações:

1. A Carta Escolar que vier a ser aprovada pelo Governo Regional deverá contemplar a construção de uma nova Escola Básica e Secundária na Povoação;
2. O Governo Regional deverá proceder à intervenção de estabilização do talude junto à Escola, em conformidade com as orientações emanadas pelo Laboratório Regional de Engenharia Civil;
3. Os órgãos de gestão da escola deverão tomar medidas urgentes que assegurem o controlo das entradas e saídas da escola;
4. Os órgãos de gestão da escola deverão protocolar com a Polícia de Segurança Pública, no âmbito do Projecto Escola Segura, no sentido de contribuir para uma maior segurança dos alunos;

5. A escola deverá explorar formas alternativas de garantir a segurança dos alunos nas deslocações entre a escola e o complexo desportivo, designadamente através do recurso à utilização de autocarros;
6. A escola deverá celebrar um protocolo com a autarquia local no sentido de formalizar a disponibilidade já manifestada pela Câmara para proceder à aquisição dos terrenos para construção da nova escola, assim como articular a intervenção de ambas as entidades no que concerne às questões relacionadas com a segurança dos alunos designadamente através da implementação do plano municipal de prevenção de comportamentos de risco.

Atendendo a que a petição reúne um total de 723 assinaturas e à relevância social da matéria em causa, a petição objecto do presente relatório, será apreciada em reunião plenária da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, nos termos regimentais aplicáveis.

Do presente relatório deve ser dado conhecimento aos subscritores, à Secretária Regional da Educação e Formação, à esquadra da Povoação da Polícia de Segurança Pública e à Câmara Municipal da Povoação.

O presente parecer foi aprovado por unanimidade.

Ponta Delgada, 9 de Maio de 2009.

**A Relatora**, *Nélia Amaral*.

O presente relatório foi aprovado por unanimidade.

**A Presidente**, *Cláudia Cardoso*».

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, estão abertas as inscrições, pode intervir no debate um deputado por partido.

Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Rosa.

**(\*) Deputado Paulo Rosa (CDS/PP):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Uma nota muito breve, para reforçar a unanimidade que se conseguiu em sede de comissão acerca deste assunto.

De facto, esta Petição, subscrita por 723 povoacenses, ou açorianos presumivelmente povoacenses, é demonstrativa do desejo de que aquela vila açoriana venha a beneficiar de um novo complexo escolar.

Também unanimemente considerado é o facto de que a Escola da Povoação, neste momento, não corresponde à regra do que são as escolas da Região, é uma excepção. Aí, temos de fazer justiça aos Governos do Partido Socialista, que sucessivamente têm introduzido melhorias substanciais no parque escolar da Região. Esta excepção deverá ser corrigida, a começar pela aprovação da próxima Carta Escolar.

A Petição assenta em duas vertentes, a qualidade dos espaços e a dimensão dos espaços, que são manifestamente exíguos, e a questão da segurança. Todos nós sabemos que espaços condignos e atraentes são muito mais propiciadores de mais e melhores aprendizagens e são, de certa forma, menos susceptíveis de gerar abandono escolar. Como se sabe, escolas em condições degradadas e com poucos espaços são muito menos atraentes para os alunos. Deste ponto de vista, achamos que a pretensão dos subscritores desta Petição está bem fundamentada.

As questões da segurança, nomeadamente em relação ao talude e à deslocação dos alunos da escola para o pavilhão onde realizam as actividades de educação física, merecem também a nossa preocupação, pelo que obviamente estamos de acordo com toda a gente nesta matéria, pelo menos é essa a leitura que fazemos na comissão.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra a Sra. Deputada Cláudia Cardoso.

**(\*) Deputado Cláudia Cardoso (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Gostaria de deixar aqui assinalado o processo de auscultação dos peticionários e todo o trabalho que daí derivou.

Penso que neste particular a comissão foi unânime em considerar que se tratava de uma situação efectivamente excepcional do ponto de vista daquilo que é a realidade infra-estrutural do parque escolar da Região. Este caso em particular não corresponde, de todo, ao que outros alunos têm oportunidade de experienciar nas suas escolas, tendo variadíssimos exemplos disso: espaços exíguos, com dificuldade de circulação de ar, com dificuldade de elaboração dos próprios horários em virtude de, muitas vezes, ter de haver aulas simultâneas no mesmo espaço, o que efectivamente não se verifica, tanto quanto julgo saber, em mais nenhuma escola da Região.

Este processo tem também uma história, que importa ressaltar.

Há cerca de dez anos houve, por parte do Governo Regional, intenção de construção de uma nova escola na Povoação. Na altura, a comunidade escolar e não só, a própria autarquia e também o comércio local entenderam que a saída da escola do centro da vila prejudicaria em muito este mesmo comércio e então esta intenção, digamos, foi abandonada.

Agora verificamos uma alteração, que nos parece significativa, da própria comunidade, o que está patente nas 723 assinaturas que a Petição recolheu. Isto significa que houve uma evolução e que, neste momento, se reconhece efectivamente a necessidade e as vantagens que podem advir desta mudança de espaço.

Neste sentido, foi também unanimemente considerada pela comissão a óbvia necessidade de a escola, em consonância com a Polícia de Segurança Pública e em consonância com a própria autarquia, tomar medidas no sentido da segurança e da protecção dos alunos que a frequentam. Como nos foi relatado, muitos deles têm de passar pelo espaço público para se dirigirem quer ao ginásio, quer, também, a um jardim da zona, muitas vezes estando sujeitos a outro tipo de situações menos agradáveis e propícias, nomeadamente, a questões de toxicodependência.

Tudo isto conjugado, penso que o trabalho da comissão surte aqui efeito, nas recomendações que a Sra. Relatora teve oportunidade de anunciar e que podemos, eventualmente, e devemos apontar um sentido e recomendar que o Governo Regional, na revisão que prepara da Carta Escolar, possa incluir uma nova escola para a Povoação e que essa escola, efectivamente, tenha as condições que todos desejamos e que a actual escola, neste momento, não tem.

**Presidente:** Obrigado, Sra. Deputada.

Tem a palavra a Sra. Deputada Zuraida Soares.

**(\*) Deputada Zuraida Soares (BE):** Obrigada, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Evidentemente que a garantia, dada em sede de comissão pela Sra. Secretária Regional da Educação, de que uma nova escola iria constar da nova Carta Escolar é, neste momento, com certeza, tranquilizadora para a comunidade escolar e para a comunidade da Povoação.



No entanto, há duas ou três circunstâncias que não posso deixar de referir.

Uma delas prende-se com uma afirmação feita há pouco pelo Sr. Deputado e que eu subscrevi na íntegra, com a alegoria dos capacetes e dos cintos de segurança. Subscrevi-a no contexto em que o Sr. Deputado a fez – na situação da Ponta da Fajã Grande, nas Flores – mas também gostaria de a subscrever nesta situação, de há dez anos.

É hoje a comunidade da escola – aliás, isso consta do parecer – que reconhece que, há dez anos, quando o Governo, e bem, achou que estava na altura de construir uma nova escola, por todas as razões agora reconhecidas, influenciou essa decisão a voltar para trás por razões de natureza economicista. Ou seja, se bem interpreto, atirou-se o capacete e o cinto de segurança “*ao ar*”. Foram precisos dez anos para que as pessoas, que na altura não quiseram ser salvas pelo capacete e pelo cinto, agora reconheçam que o Governo tinha razão. Há dez anos. É este compasso de espera que, penso, de alguma maneira é incoerente, porque há dez anos as razões eram as mesmas e até me atreveria a dizer que, se calhar, tão fortes, ou seja, nada mudou.

Há um outro aspecto que não posso deixar também de referir.

Eu estive na escola, a visitá-la, fui, enfim, guiada por alguns professores e pelo Conselho Directivo e há uma coisa extraordinária naquela escola que ninguém me soube explicar, mas que é preocupante. É preocupante porque, de acordo com a Sra. Secretária Regional da Educação, para uma nova escola faltam previsivelmente – enfim, se tudo correr bem – seis anos: dois ou três para a conceder e dois ou três para a construir, digamos que são seis anos. Ora, as obras feitas há dez anos, aquilo a que se chama o acrescento, o novo edifício, estão em muito pior estado do que o edifício antigo. Eu estive lá numa altura em que tinha havido uma espécie de explosão, em que o chão de uma das salas tinha subitamente, quase todo ao mesmo tempo, levantado voo, ou seja, levantado do chão.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** O chão é insuflável!

**A Oradora:** As salas novas, feitas há dez anos, têm uma tomada por sala. Há uma saída de emergência na qual, se duas portas se abrirem ao mesmo tempo, a escada fica tapada, não há emergência para ninguém.

O que é preocupante é que nós – nós e aquela comunidade escolar, professores, alunos, auxiliares e também os encarregados de educação, que vivem esta situação todos os dias – tenhamos de esperar ainda 6 anos. Como é que esta situação que agora já é, enfim, patética vai estar daqui a 6 anos?

Não sei se serão suficientes todos os pareceres e todos os conselhos dados, e bem, no sentido de chamar a PSP, o protocolo com a câmara, uma carrinha que garanta a deslocação, tudo muito bem. Em termos de edifício eu, sinceramente, não percebendo, não sendo propriamente formada em construção civil, não acredito que aquele edifício resista mais 6 anos, numa situação que eu já não digo minimamente digna, porque minimamente digna já não é agora mas, com mais 6 anos, então, será verdadeiramente impossível.

Muito obrigada.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Manuel Bolieiro.

**(\*) Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Breves palavras, para associar o Grupo Parlamentar do PSD a este Relatório relativo à Petição, quer quanto às suas conclusões, quer quanto às recomendações.

Tive a oportunidade, aliás, na minha juventude, de passar por aquela escola. Foi lá que, do 1.º ao 9.º ano, fiz a minha formação. Nessa altura, as condições físicas da escola eram de excelência. A verdade é que também politicamente fui favorável à oficialização do ensino, porque na altura em que por lá passei era corporativo, ligado à Igreja.

Sempre concordei com a oficialização, mas achei que as condições para passar do ensino do 9.º ao 12.º não estavam presentes naquele edifício. Foi a decisão de passar o ensino oficial até ao 12.º ano na Povoação que tornou aquele edifício e aquelas instalações insuficientes para o ensino. Lembrava agora, e bem, a Sra. Deputada Zuraida que, estranhamente, o edifício original está hoje em melhores condições do que as instalações por acrescento que se fizeram à Escola da Povoação.

Esta é a história.

O nosso ponto de partida é hoje uma parte significativa deste parecer, no qual me revejo, mas que não dispensa o reforço e a sinalização de três pontos que importa destacar, para que possamos passar das palavras aos actos.

É verdade, como se encontra numa das conclusões, que a Escola Básica e Secundária da Povoação não oferece condições de trabalho comparáveis às da generalidade das escolas da Região. Exige-se equidade na melhoria geral das escolas da Região e, portanto, a Povoação não pode ficar atrás. Mas fica esta nota: até agora e nestes últimos anos, houve um défice de compromisso do Governo para com o ensino oficial na Povoação, naquela escola, porque as condições não são equiparáveis com as das outras escolas. Há, por isso, uma responsabilidade moral, política, para poder agir com urgência na recuperação daquela escola. Fica esta nota para o Governo Regional, um Governo Regional que há 12 anos, cumprindo o 13.º, permanece no poder.

Quanto às recomendações que quero sinalizar e com as quais tenho manifesta concordância, a primeira é a seguinte: a Carta Escolar que vier a ser aprovada pelo Governo Regional deverá contemplar a construção duma nova Escola Básica e Secundária da Povoação. Pela parte do Parlamento está feita a recomendação. Podia, aliás, passar-se do Relatório para – é regimental – uma iniciativa da Assembleia, transformando em Resolução este conjunto de recomendações dirigido ao Governo. Creio que não só pela presença do Sr. Secretário Regional da Presidência mas, sobretudo, pela presença da Sra. Secretária Regional, tal é dispensável. É do conhecimento público que esta é uma recomendação do Parlamento.

Fica por isso à responsabilidade da Sra. Secretária e do Conselho do Governo, o mais rapidamente possível, apresentar a proposta da Carta Escolar que inclua esta recomendação e se possa – com urgência e não esperando pela normalidade dos prazos a que fez referência a Sra. Deputada Zuraida – tornar uma nova escola no concelho da Povoação uma realidade.

Finalmente, uma outra recomendação que também quero destacar, a quinta: “A escola deverá explorar formas alternativas de garantir a segurança dos alunos nas deslocações entre a escola e o complexo desportivo, designadamente através do

recurso à utilização de autocarros”: Se na primeira conclusão tratamos do futuro, nesta quinta conclusão tratamos do presente.

O presente exige, de facto, compromisso, quer com a escola, naturalmente, eventualmente com protocolos como aqui se faz referência, quer com a autarquia mas, sobretudo, com o Governo, para garantir segurança. Esta segurança faz-se no plano do transporte para acesso ao complexo desportivo, mas faz-se, também, na melhoria das recentes instalações, já da responsabilidade dos Governos do Partido Socialista, que oferecem piores condições do que o edifício original. É preciso, no presente, tratar das condições daquele edifício, para o ensino no concelho da Povoação. Essa é uma responsabilidade do Governo Regional.

Portanto, Sra. Secretária Regional, recomendo-lhe – duplamente, superando a recomendação deste relatório – que esteja atenta e que tenha urgência na acção, para que das palavras do Parlamento se passe à execução do Governo.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

**(\*) Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em relação a esta questão tive a oportunidade de dizer, na própria comissão, que considero que estão criadas as condições para corresponder, de forma eficaz, aos respectivos peticionários.

Ficou provado que foi a própria comunidade educativa, quando o Governo quis iniciar a construção de um novo complexo desportivo noutra local, que não o quis, na altura, por motivos que não interessa agora aqui descrever pormenorizadamente.

Ficou também provado que existe uma necessidade específica de tratar este assunto com urgência, uma vez que, como fica absolutamente claro tendo em conta as intervenções e as conclusões a que se chegou, no âmbito do trabalho da comissão e dos testemunhos das diversas pessoas que foram ouvidas no âmbito desta Petição, a escola não reúne as condições de segurança e de funcionamento necessárias.

Nesse sentido, a única coisa que eu gostaria de acrescentar, no âmbito desta discussão, a única conclusão, a única directiva, a única informação adicional que eu deixaria aqui ao Governo é que me parece evidente que tem de existir, por parte do

Governo Regional – não sendo a única entidade responsável, a autarquia também terá de ter aqui uma participação, e uma participação bastante empenhada também –, uma intervenção para que este processo seja mais rápido e não tenha o tal período de 5 ou 6 anos. Foi esta a opinião que manifestei ao longo dos trabalhos da comissão. A minha opinião é que é, talvez, possível, conseguir resolver este assunto até ao final da Legislatura, o que penso ser um prazo razoável, um prazo que também tem a ver com a grande reorganização que temos no sistema educativo, que está a chegar com a obrigatoriedade do ensino secundário, como sabem.

Assim sendo, há que tentar objectivar e encurtar os prazos, no sentido de que a decisão política seja uma decisão mais urgente em relação a este assunto.

Muito obrigado.

**Presidente:** Não havendo mais intervenções, passamos para o ponto seguinte, **“Autorização para o Deputado Clélio Meneses ser ouvido como testemunha nos Autos de Oposição à Execução Comum, a correr termos no Tribunal Judicial de Praia da Vitória”**.

Conforme é costume, como consta do respectivo Relatório e é de lei, o Sr. Deputado foi ouvido, concorda em ser ouvido e prescinde da prerrogativa de ser ouvido por escrito. Podemos, portanto, votar este Relatório, que passo agora a colocar à votação. As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como se encontram.

**Secretário:** O Pedido de Autorização foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, tínhamos um 8.º ponto na nossa ordem de trabalhos, que tinha a ver com o Pedido de urgência de uma Proposta de Decreto Legislativo Regional que “Altera o Estatuto da Carreira Docente na Região Autónoma dos Açores”. Acontece que, por ofício desta manhã, o Governo Regional, o proponente, retirou o pedido de urgência.

Este ponto desaparece, assim, da nossa ordem de trabalhos, pelo que coloco à vossa consideração a seguinte **Proposta de Deliberação: “A Mesa da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores propõe que a Assembleia declare findo o período legislativo de Maio”**.

Está à votação.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como se encontram.

**Secretário:** A Proposta de Deliberação foi aprovada por unanimidade.

*(Aplausos das bancadas do PS e do CDS/PP)*

**Presidente:** O Sr. Deputado Paulo Estêvão pede a palavra para?

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Para uma declaração de voto, Sr. Presidente.

**Presidente:** Tem a palavra, faça o favor, Sr. Deputado.

**(\*) Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A minha decisão em relação a esta votação tem naturalmente a ver com a presença dos deputados nos festejos do Senhor Santo Cristo.

Muito obrigado.

**Presidente:** Agora sim, Sras. e Srs. Deputados, muito boa tarde, até sempre, terminaram os nossos trabalhos.

*(Os trabalhos terminaram às 17 horas e 30 minutos)*

*Deputados que entraram durante a Sessão:*

**Partido Social Democrata (PSD)**

**Aida** Maria Melo Amaral Reis dos **Santos**

**António** Augusto Batista Soares **Marinho**

**Cláudio** Borges **Almeida**

**João** Luís Bruto da Costa Machado da **Costa**

**Jorge** Manuel de Almada **Macedo**

**José Manuel** Cabral Dias **Bolieiro**

*Deputados que faltaram à Sessão:*

**Partido Socialista (PS)**

**Guilherme** de Fraga Vicente **Nunes**

(\*) Texto não revisto pelo Orador.

**Pela redactora,** *Ágata Patrícia Biga de Almeida Vieira de Sousa.*